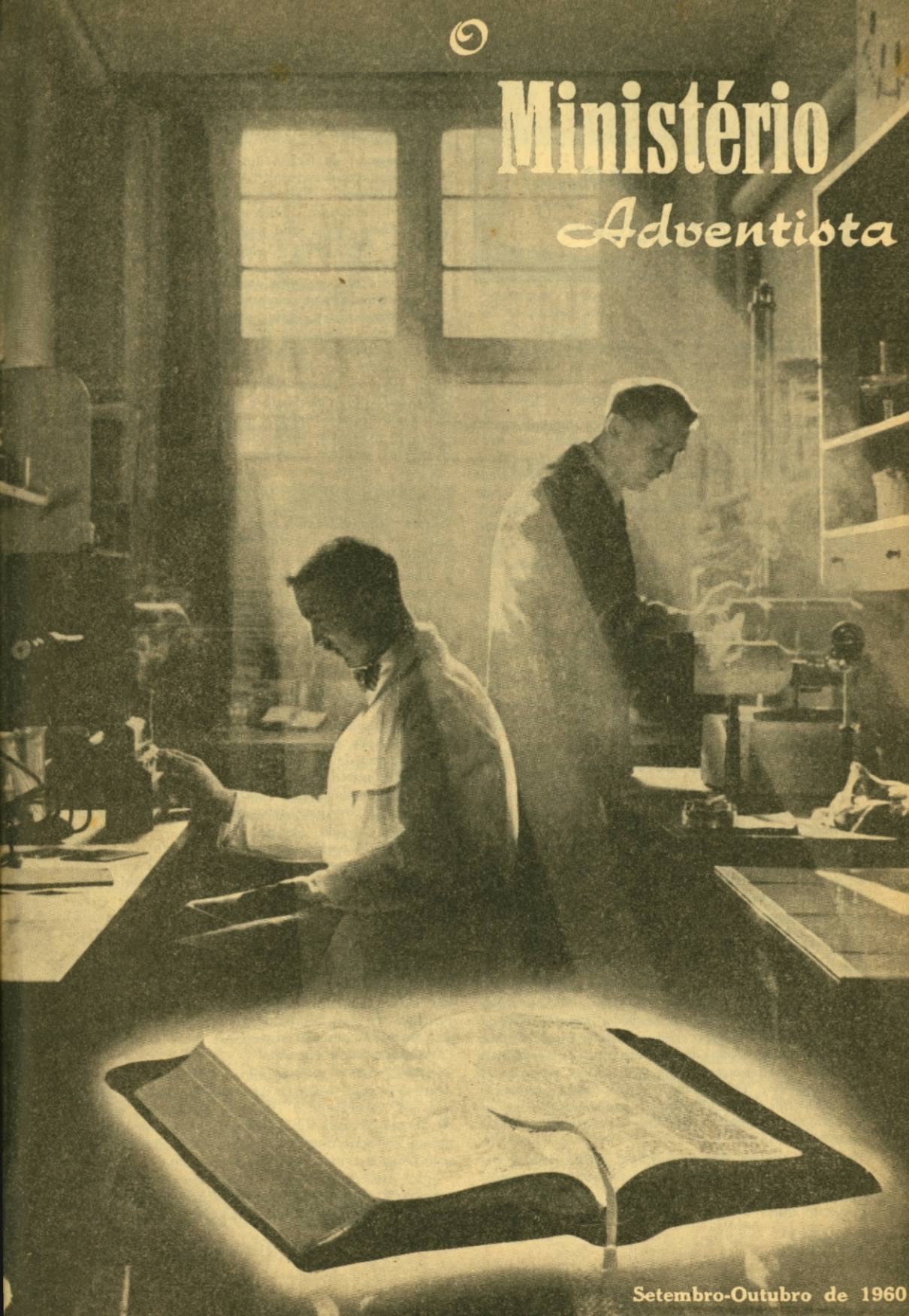




# Ministério

## *Adventista*



Setembro-Outubro de 1960





## “Dai-lhes Vós de Comer”

O MESTRE da Galiléia, em Seu fecundo e laborioso ministério, foi surpreendido por uma grande multidão que, expectante e nervosa, reuniu-se para ouvir os Seus penetrantes e impressivos ensinamentos. Era uma multidão espiritualmente insatisfeita. O tradicionalismo vazio e a liturgia formal, tão correntes nos dias de Cristo, não mais satisfiziam os anelos da alma.

Compreendendo isto o Verbo divino procurava, em tôdas as oportunidades, comunicar àquelas almas insatisfeitas uma alentadora mensagem de fé e esperança.

Surpreendido por uma, inquieta multidão, lá nas cercanias do mar da Galiléia, enternecido com a sombria condição espiritual daquela gente, sem detenções começou a ensiná-la. E as palavras que abundantemente fluíram de Seus lábios eram ouvidas sófregamente pela multidão que ali se aglomerava.

### Contraste de Atitudes

De acôrdo com o relato sagrado, durante um dia inteiro o Mestre transmitiu aos ouvintes atentos os sublimes e excelsos ensinamentos evangélicos. E já no cair da tarde, quando a noite descia sobre a terra, os discípulos mostravam-se inquietos e preocupados. Estavam eles numa encosta solitária, longe de recursos; a multidão era mais numerosa que uma legião romana. Como, pois, poderiam alimentar tanta gente! Perturbados disseram a Cristo: “Despede-os para que vão aos lugares e aldeias circunvizinhas e comprem pão para si.”

É paradoxal o comportamento dos discípulos em face da atitude de Jesus. Absorto em Seu labor nada preocupava a Cristo senão a fome espiritual daquelas desorientadas criaturas que, qual ovelhas sem pastor, careciam de alguém que as levasse às pastagens verdejantes da fé e às águas vivificantes do evangelho. Os discípulos, entretanto, perturbados e aflitos, preocupavam-se unicamente com as necessidades físicas, em detrimento das necessidades espirituais.

É evidente em nossos dias, tão caracterizados pelo utilitarismo, a preocupação absorvente de muitos pelo pão material, em prejuízo do imperecível Pão que nutre e revigora a alma.

Mas Jesus, qual pastor desvelado, embora preocupado com a situação espiritual do Seu rebanho, não revelou indiferença em face das necessidades físicas daquelas ovelhas ali reunidas.

### A Significativa Resposta de Jesus

A resposta de Cristo aos discípulos foi verdadeiramente desconcertante: “Não precisam ir; dai-lhes vós de comer”. Felipe, perturbado, revela o seu assombro, dizendo: “Duzentos denários de pão não lhes bastam, para que cada um coma um pouco. Nós não temos mais do que cinco pães e dois peixes. Mas que é isto?”

Dir-se-ia que naquele lugar tão êrmo, desprovido de recursos e sem alimento suficiente, a solução mais consentânea seria aquela apresentada pelos discípulos: a dispersão daquele povo tão numeroso. Mas em contraste com este plano estava a inconcebível ordem de Jesus: “Dai-lhes vós de comer”. Sim, para os discípulos era inconcebível a ordem de Cristo, pois consoante o relatório sagrado tinham tão somente cinco pães e dois peixes. Mas Aquêlle que, no princípio, tirara das trevas a luz e do caos o cosmos, poderia também multiplicar surpreendentemente tão escassa provisão, para satisfazer às necessidades daquela heterogênea multidão.

Com efeito, o milagre foi realizado. O mesmo Senhor que sustentou com o maná o povo de Israel, no deserto, supriu miraculosamente as necessidades dos cinco mil homens ali reunidos.

Encontramos êste memorável feito registado nas veneráveis páginas dos quatro evangelhos. É êste o único milagre realizado por Jesus, relatado pelos quatro evangelistas. E em tôdas as narrativas destaca-se a significativa ordem de Jesus: “Dai-lhes vós de comer”.

### Milhões Condenados pela Inanição

Não ignoramos nós que, no mundo contemporâneo, enormes massas humanas encontram-se envolvidas dentro do círculo de ferro da fome. Para Daniel-Rops, nos dias atuais, “350 milhões de homens estão ameaçados pela fome”. Esta realidade tão brutal e comovedora deve encher de tristeza e pesar nosso coração.

Porém, de efeito mais dantesco e de conseqüências mais pungentes é a fome espiritual vaticinada de modo impressionante pelo profeta Amós: “Eis que vêm dias, diz o Senhor Jeová, em que enviarei fome sobre a Terra, não fome de pão, nem sede de água, mas de ouvir a Palavra do Senhor”. Amós 8:11.

Assistimos em nossos dias ao cumprimento parcial desta previsão profética. Multidões aflitas estão enlanguescendo na mais dolorosa inanição espiritual. E num tempo como êste as palavras divinas ressoam com um significado novo e profundo: “Dai-lhes vós de comer”.

Milhões estão sucumbindo à mingua do alimento necessário para suprir as necessidades da alma. Mas, nós que recebemos o Pão da vida, temos o dever de, à semelhança dos discípulos, partilhar êste alimento celestial com os famintos, os que definham sem Deus e sem esperança no mundo.

Que estamos fazendo? A voz suave de Jesus se faz ouvir agora com extraordinária ressonância: “Dai-lhes vós de comer.” — E. O.



Órgão publicado bimestralmente pela  
Associação Ministerial da Igreja Adventista do  
Sétimo Dia

Editado pela

Casa Publicadora Brasileira  
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira

Gerente — Bernardo E. Schuenemann

Redator responsável — Luiz Waldvogel

Redator — Arnaldo B. Cristianini

Colaborador especial:

J. J. Altken

**Brasil**

Assinatura Anual ..... Cr\$ 300,00

Número Avulso ..... Cr\$ 50,00

**Estrangeiro**

Assinatura Anual ..... US\$ 2,00

Número Avulso ..... US\$ 0,35



ANO 26

Nº. 5

**DE CORAÇÃO A CORAÇÃO**

"Dai-lhes Vós de Comer" ..... Enoch de Oliveira 2

**ILUSTRAÇÕES**

Mantendo a Tocha Acesa ..... 3

Quanto Pode Uma Dádiva ..... 3

O Juiz Que Pagou ..... 3

**ARTIGOS GERAIS**

Ciência e Fé ..... Dr. Alcides J. Alva 4

A Ciência e a Religião — I — ..... Dr. Gideon de Oliveira 7

El Evangelio en America Latina ..... Héctor Pereyra Suárez 11

**OBRA PASTORAL**

Inteligência ..... Taylor G. Bunch 13

Repondo o Pregador no Culto Sabático da Segunda Hora ..... Roberto H. Pierson 15

**EVANGELISMO — ALMAS PARA DEUS**

Como o Presidente do Campo Pode Realizar Obra Evangelística ..... Teodoro Carcio 17

**PESQUISA, TEOLOGIA, HISTÓRIA, CIÊNCIA**

O Homem Fóssil e o Monismo — I — ..... Orlando R. Ritter 18

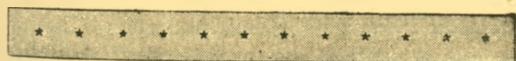
Quando Iniciou Cristo Seu Ministério Sacerdotal? ..... Roberto Leo Odom 21

**OS ASD RESPONDEM A PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA — V —**

..... 22

**NOTÍCIAS DA IMPRENSA**

..... 24



## Mantendo a Tocha Acesa

**ENTRE** os antigos gregos, o corredor que ganhava a corrida não era o que cruzava a linha no menor espaço de tempo, mas quem a cruzasse no menor tempo *com a tocha ardendo*.

Ocupamo-nos de tal modo com as atividades da vida que corremos o perigo de deixarmos apagar a tocha de nossa vida espiritual. Foi quando Moisés se deteve em sua jornada que ouviu a voz de Deus. — *Seleto*.

## Quanto Pode Uma Dádiva

**QUANDO** Livingstone foi para a África, uma senhora escocesa que havia economizado trinta libras, deu-as ao missionário com estas palavras:

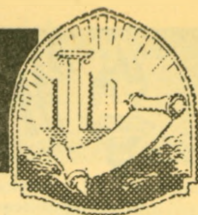
— Quero que o senhor se poupe de fadigas e exposições desnecessárias, contratando com esse dinheiro um servo que lhe proteja o corpo, que o acompanhe para onde o senhor fôr, e partilhe de seus sacrifícios e perigos.

Com esse dinheiro, Livingstone contratou Sebantino, servo muito fiel. No coração da África, um leão prostrou o missionário e esmagou-lhe os ossos do braço esquerdo. Contudo Sebantino salvou Livingstone com o risco da própria vida. Que teria acontecido se a dádiva não tivesse sido feita? — *Seleto*.

## O Juiz Que Pagou

**NUMA** pequena cidade vivia um zeloso cristão que se tornara magistrado. Certa manhã compareceu diante dele na sala do tribunal um amigo da mocidade, que se havia desviado do caminho da justiça e cometera um delito contra a lei do país. Aquêles que conheciam as relações que havia entre ambos esperavam que o juiz tratasse o homem misericordiosamente, porém ficaram muitíssimo surpresos ao ouvirem que a sentença foi pesada multa. Ficaram ainda mais surpresos quando o magistrado se dirigiu ao oficial, dentro do tribunal, e tirou do próprio bolso o dinheiro, pagando a multa. Cumprira seu dever como magistrado, defendera a lei, mas também mostrou um pouco da misericórdia de Deus em favor de seu amigo, ao pagar a penalidade que a sentença lhe impunha. — *Seleto*





## Ciência e Fé

DR. ALCIDES J. ALVA

Professor no Colégio Adventista de Puiggarí, Argentina



**V**VIVEMOS no século das conquistas da ciência. Seu progresso surpreendente e rápido revolucionou a vida moderna, e seu impacto se faz sentir notavelmente no mundo do pensamento, da técnica e da religião. Pretende a ciência ter a última palavra sobre a verdade das coisas e dos fatos, e exige que se aceitem não só suas demonstrações, como também suas interpretações e especulações. A grande maioria dos homens de ciência são evolucionistas e muitos deles declaradamente ateus, e pensam e ensinam que a religião e a fé nada mais são do que baluartes da ignorância e do atraso.

Neste breve artigo queremos estabelecer o fato de que entre a verdadeira ciência e a fé cristã não pode haver incompatibilidade, e, também notar, de passagem, que o homem de ciência especialmente o evolucionista faz uso da fé, de muita fé e que, partindo dos limites do experimental e do demonstrável estabelece seu credo a seu modo e, pior ainda, quer impor esse credo a todo o mundo.

Podemos falar sobre duas espécies de ciência: a ciência propriamente dita ou empírica, e a ciência especulativa ou filosófica. A primeira interessa-se apenas em observar, fazer experiências, e aprender tudo que esteja ao alcance dos sentidos. É no terreno dos fatos, sejam quais forem eles, e o são exatamente os mesmos para o agnóstico e para o crente, para o confucionista ou para o maometano, que tanto evolucionistas como criacionistas devem estar de acordo, sendo os fatos verificados e verificáveis. Esta espécie de ciência, a verdadeira, repetimos, não exerce jurisdição no campo do normativo, não pode assegurar-nos nem intentar

averiguar a verdadeira origem das causas primárias das coisas e fenômenos, porque a verdade é que há mais de uma opinião, inclusive entre os mesmos homens de ciência, neste particular. A ciência nos apresentará as coisas como são percebidas pelos nossos sentidos (fenômenos) e deixa para a filosofia o mundo das "causas hipotéticas" ou coisas semelhantes como são na realidade e não como são percebidas pelos nossos sentidos. Não passam de arrogância o pensar e ensinar que aquilo que é científico é o real, verdadeiro e aceitável, e que as conquistas e premissas da ciência tornam desnecessárias a religião e a fé.

Acontece que a ciência que se invoca ao falar-se das grandes incursões no mistério do universo e da vida, não é a ciência dos fatos, mas a das especulações, as que logo se transformam em dogmas e se constituem em artigos de fé, que todo aquele que se preza de científico e erudito deve aceitar, sob pena de ver-se averbado de retrógrado, iludido e excomungado da companhia dos sábios e cultos.

Nós, cristãos criacionistas e fundamentalistas, não devemos deixar-nos engodar pelos arroubos pretensiosos da ciência especulativa, a "chamada falsamente ciência", como diz o apóstolo; e nosso conhecimento e estudo da ciência empírica não faz menos que consolidar e aumentar nossa fé cristã, que aparece muito mais lógica e edificante do que a fé do evolucionista, porque a *evolução*, em seu sentido mais estrito não é ciência, mas filosofia, dogma e assunto de fé. Não é mais razoável pensar que as maravilhas do universo e da vida falam de uma mente criadora sapientíssima, do que julgar que tudo é produto do acaso, das forças cegas da Natureza? Como poderíamos aceitar que a matéria bruta haja evoluído

até dar origem à vida, à inteligência, ao espírito? Como nos atrevemos a dar à matéria bruta, ao lodo, capacidade de consciência e de finalidade, porque teria que ser assim, se quisermos explicar a maravilhosa adaptação dos meios aos fins e à consecução de resultados tão admiráveis como é o cosmo do universo e o maravilhoso do organismo humano? Por que estamos mais inclinados a negar a existência de um Deus inteligente e a aceitar tácitamente a inteligência da matéria?

Os evolucionistas nos dizem que não podemos explicar a origem de Deus e que O aceitamos pela fé. Assim é, porém também lhes perguntamos, se a explicação que dão da origem do universo e ainda de nosso próprio sistema solar, não é assunto de fé. Eles têm que partir de alguma *suposição*, notemos bem, de alguma suposição, seja dos átomos em equilíbrio, seja da nebulosa ou o que mais o seja. E ainda lhes perguntaríamos como surgiu a matéria ou como se originaram esses átomos primitivos. Qualquer que seja a explicação que dêem a estas perguntas, tem que ser um assunto de fé, porque não podem apresentar provas nem demonstrações a respeito. A diferença fica entre o ter fé num Deus eterno, sapientíssimo, originador de um universo ordenado e maravilhoso, ou ter fé na matéria eterna, provida de leis — e que tão-pouco sabemos como se estabeleceram — a qual evoluindo ao acaso alcançou seu mais alto grau de evolução no homem inteligente.

#### Nem Todos os Homens de Ciência Perderam a Fé

A partir dos primórdios da ciência até nossos dias, cheios de ceticismo e materialismo, tem havido e há homens de ciência apegados a idéias cristãs, alguns são mesmo homens de oração e membros fiéis de alguma igreja evangélica ou católica. Citemos alguns:

1. "Rogo ao meu leitor... que juntamente comigo louve e celebre a sabedoria e a grandeza do Criador... perceba com gratidão a preservação de todas as coisas vivas na Natureza como um dom de Deus... e nos movimentos da Terra tão recônditos e admiráveis. Reconheçam a sabedoria de Deus" (João Kepler 1571-1630 célebre astrônomo alemão, autor das chamadas Leis de Kepler. Cady, em *The Education that Educates*, pág. 122).

2. "Não me preocupo em provar isto [a existência de Deus], não por que não me sinta suficientemente forte para falar da Natureza o que possa convencer ateus obstinados, mas porque tal conhecimento sem Jesus

Cristo é inútil e estéril. A Natureza contém perfeições que mostram ser feita à mesma imagem de Deus, e defeitos que mostram ser somente a imagem de Deus" (Braz Pascal 1623-1622 grande filósofo, matemático e físico francês. *Idem*, pág. 123).

3. "Posso tomar meu telescópio e penetrar milhões e milhões de milhas no espaço, porém posso deixá-lo e ir ao meu quarto, fechar a porta, ajoelhar-me em oração fervorosa e dessa forma contemplar mais do céu e aproximar-me mais de Deus do que se o tentasse fazer com todos os telescópios e instrumentos materiais da Terra" (Isaque Newton 1642-1727 famoso físico e matemático inglês que marcou época na história da ciência, e autor de um comentário sobre Daniel e Apocalipse. *Idem*, pág. 117).

4. "Todos os descobrimentos humanos parecem ocorrer unicamente com o propósito de confirmar, cada vez mais firmemente, as verdades contidas nas Escrituras Sagradas" (Frederico O. Herschell 1738-1822 um dos maiores astrônomos alemães de seu tempo. G. M. Price, em *Modern Discoveries that Help Us to Believe*, pág. 64).

5. "A posteridade rir-se-á um dia da moderna filosofia materialista. Quanto mais estudo a Natureza, mais me espanto diante das obras do Criador. Oro enquanto trabalho em meu laboratório." Luís Pasteur 1822-1895 grande biólogo e químico francês. Cady, em *The Education that Educates*, pág. 118).

6. "Considero que a maior descoberta feita em minha vida, ocorreu quando descobri que Jesus era meu Salvador. Ele tem sido meu amigo constante e ajudador em toda minha vida de trabalho, e todas as descobertas que fiz em benefício do homem me foram dadas em resposta às minhas orações" (Guilherme Thompson, Lord Kelvin 1824-1907 notável físico inglês. G. M. Price, em *Modern Discoveries that Help Us to Believe*, pág. 64).

7. "Se um homem de ciência deve ter um Deus, deve escolher o Deus de Newton... O homem de ciência de nossos dias está chegando rapidamente ao ponto de vista de que há um Deus e uma inteligência criadora que rege o mundo... Não podemos atribuir as propriedades do átomo à casualidade. A casualidade não pode ter criado o átomo, assim como não pode criar uma salada" (Arthur H. Compton 1892 prêmio Nobel de Física em 1927 e um dos maiores cientistas estadunidenses contemporâneos. *Idem*, págs. 67 e 68).

8. "O primeiro fato que me parece completamente óbvio e acima de disputa para os homens que pensam, é que presentemente não há conflito de espécie alguma entre a ciência e a religião, quando cada uma é entendida corretamente. A prova mais sensí-



vel, e provavelmente mais convincente da verdade da afirmação anterior, acha-se no testemunho dos maiores espíritos que se notabilizaram como líderes no campo da ciência, de um lado, e no da religião, do outro. Seleccionemos, por exemplo, os nomes mais preeminentes dos últimos séculos na ciência britânica ou mesmo na ciência mundial. Todos concordam que os astros que brilham com maior esplendor na história, quando a revista vai de 1650 a 1920, são os nomes de Newton, Faraday, Maxwell, Kelvin, Raleigh . . . Não se pode achar em parte alguma nem em outra época mais ardorosos buscadores da verdade, intelectos de visão mais penetrante e, no entanto, cada um deles foi um seguidor devoto e professo da religião . . .” Menciona longa lista que inclui Pasteur, Walcott, Osborn, Conklin, Merriam, Pupin, Coulter, Noyes, Angell, Breasted, Abbot, etc., e acrescenta: “Parece-me tão evidente como o respirar, que todo homem suficientemente capaz de reconhecer a própria incapacidade de compreender o problema da existência, de entender donde veio e para onde vai, deve reconhecer — precisamente porque admite esta ignorância e suas limitações — a existência de Alguma coisa, uma Potência, um Ser em quem e por quem vive, move-Se e tem existência”. Essa Potência, êsse Alguma coisa, essa Existência é o que chamamos Deus . . .” (Robert A. Millikan nascido em 1868 grande cientista norteamericano, prêmio Nobel de Física de 1923, em *Há descubierto la Ciencia a Dios?* Nº 1, págs. 17-45).

9. “Há hoje amplo acôrdo, que no aspecto físico da ciência muito se aproxima da unanimidade, em que a corrente dos conhecimentos se dirige para uma realidade não mecânica; o universo começa a parecer-se mais com um grande pensamento do que com uma máquina imensa. A mente já não aparece como intrusa accidental no reino da matéria, e começamos a suspeitar que melhor devemos saudá-la como o Criador e governador dêsse reino . . .” (James Jeans nascido em 1877), astrônomo inglês de fama mundial, em *Há Descubierto la Ciencia a Dios?* Nº 1, pág. 91).

#### **Nem Tudo que Brilha é Ouro**

Poderíamos prosseguir aumentando a lista dos grandes sábios modernos e contemporâneos de fama mundial, todos religiosos e crentes sinceros em Deus; deter-nos-emos, porém, para um esclarecimento. Nem tôda crença significa exatamente crença no Deus da Bíblia, no grande Jeová; nem tôda profissão religiosa significa o genuíno cristianismo ou a verdade bíblica como a interpreta a igreja adventista. O Deus concebido por Platão e Aristóteles, e mesmo o Deus de

alguns dos homens de ciência citados, difere em muito ou em pouco do conceito bíblico fundamentalista de Deus. Não podemos afirmar de forma categórica que tais ou quais homens de ciência tinham ou têm conceitos religiosos e teístas que temos nós adventistas e outros evangélicos, embora alguns deles tenham concepção de Deus muito próxima da nossa. Fica de pé, no entanto, a verdade de que a ciência não tem necessariamente que alheiar-nos da religião e da fé, e de modo algum podemos aceitar que militar nas fileiras do cristianismo seja sinônimo de ignorância ou estreiteza mental. O próprio Millikan chega a esta conclusão feliz: “O propósito da ciência é desenvolver, sem preconceito de espécie alguma, um conhecimento dos fatos, leis e processos da Natureza. A tarefa ainda mais importante da religião, por outro lado, consiste em desenvolver a consciência, os ideais e aspirações da humanidade” (*Há Descubierto la Ciencia a Dios?* Nº 1, págs. 30 e 31).

#### **A Ciência Não Pode Resolver os Problemas Mais Assoberbantes**

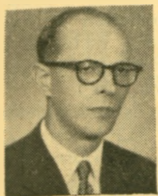
Não importa quão assombrosas sejam as conquistas da ciência; não importa que a ciência seja capaz de fazer marchar satélites artificiais, enviar foguetes à Lua ou tentar fazer viagens interplanetárias — estas muito improváveis —; não importa quanto tenha conseguido para que o homem viva com mais saúde e comodidade; nunca nos poderá explicar a verdadeira origem das coisas, o destino final do homem, o mistério da vida e da consciência, e muito menos saciar no homem a sede pelo divino, pelo excelso, pela imortalidade, por Deus.

Êstes e outros problemas semelhantes transcendem os limites da ciência e entram no terreno da filosofia, da religião e da fé. O homem da ciência acha-se tão desarmado e incapaz diante dêstes problemas como qualquer outro mortal. Tanto o homem científico como o não científico, o crente como o agnóstico, se quiserem pesquisar o mar insondável das causas primárias e dos últimos fins, terão que apegar-se a algum tipo de fé. E neste terreno, o cristão leva grande vantagem sobre os demais, porque deposita fé num Ser inteligente e amorável, um terno Pai celestial que está acima das leis frias e inexoráveis, e dessa forma acha sentido e esperança para sua vida. Aproxima-se de Deus, lembrando-se do que disse o apóstolo S. Paulo: “Sem fé é impossível agradar a Deus; porque é necessário que aquêle que se aproxima de Deus creia que Ele existe, e que é galardoador dos que O buscam” (Heb. 11:6).

# A Ciência e Religião

DR. GIDEON DE OLIVEIRA

Professor da Faculdade de Teologia do Colégio Adventista Brasileiro (Biologia e História Natural)



O PROBLEMA da ciência *versus* religião é de atualidade e importância permanentes. E dado o seu profundo significado moral, espiritual e social, e em face da repercussão respectiva que exerce sobre a formação e orientação da personalidade e da própria civilização, tem

sido preocupação constante por parte dos mais destacados filósofos, teólogos, cientistas, educadores e moralistas, particularmente no dois últimos séculos.

No estudo especial desta questão, examinando um e outro grupos de autores, descobriremos diversas correntes de pensamento, e as principais tendências ou doutrinas, que têm surgido no seu momento histórico correspondente. Na Idade Média, sobretudo, prevaleceu o pensamento de que todo o conhecimento especulativo experimental ou científico era perigoso, e que o papel do homem era o de ater-se submisso e passivamente à fé dogmática. Mas a partir do século dezoito começou a prevalecer entre os intelectuais o racionalismo sem Deus, em o qual o materialismo cultuava a Natureza, sem Criador especial. Todavia, neste assunto, os espíritos mais esclarecidos e maduros do passado, e principalmente da atualidade, têm procurado situar a Ciência e a religião dentro do seu lugar apropriado; e, reconhecendo a importância devida, de cada qual, visam desta maneira estabelecer a harmonia inteligente que deve existir entre a fé e a razão, dentro da concepção teísta, onde a verdadeira religião e a verdadeira Ciência se completam, porque procedem da mesma fonte — Deus — a Suprema Inteligência e o Supremo Amor.

## Religião Cega

Através dos tempos o mistério e o maravilhoso sempre têm impressionado os homens. A influência do misterioso, a incompreensão das forças e fenômenos da Natureza a par da luta pela vida, tornou o homem de mentalidade primitiva quer da antiguidade, ou do presente, mui supersticioso e pagанизado, por falta de melhor entendimento espiritual de Deus-Criador. Embora revelando instinto religioso, a sua intuição da divindade era muito acanhada. Daí a tendência religiosa das civilizações antigas para expressar-se num politeísmo pagанизado, que vai de mistura com crenças anímicas, e pseudo-ciências (magia, astrologia, certas formas de espiritismo, feticismo e superstições múltiplas), numa tentativa para explicar os fenômenos naturais, incompreendidos, misteriosos e maravilhosos.

A corrupção dos antediluvianos, e os desmandos dos povos que se formaram após o dilúvio, aumentaram cada vez mais a cegueira dos antigos sobre o

verdadeiro Deus. No caos religioso em que viviam egípcios, hititas, sumerianos, caldeus e demais povos do passado, o próprio Deus houve por bem escolher o povo hebreu para dar-lhe a revelação monoteísta: "EU SOU O QUE SOU" (Êxo. 3:14), traçando-lhe ao mesmo tempo o roteiro das relações que devem existir entre o Criador e a criatura, a fim de aperfeiçoá-la moral, social e espiritualmente. Após a Natureza e a revelação escriturística, com Cristo, sob a forma divino-humana, temos o clímax da revelação de Deus ao homem, descobrindo-Se como Ser eterno pessoal, providencial, amoroso, justo, onipotente, onissapiente e onipresente, que deseja a salvação dos Seus filhos — a família humana. Dentro, pois, da tese bíblica, o cristianismo representa a religião mais esclarecida, e a única verdadeira, porque tem a autenticidade do próprio Deus. Por isso é a única que preenche os anseios dos sentimentos e da inteligência humana.

A história da civilização demonstra-nos, porém, que logo após a era apostólica, embora uma minoria de crentes se conservasse fiel ao cristianismo original, influências estranhas, como a filosofia helenista e o pagанизmo, começaram a invadir o cristianismo, em sua difusão pelo mundo. Estes sintomas tornaram-se bem característicos no Ocidente, particularmente, por parte da igreja católica ou romana, que, grangeando o apoio do Estado por meio de Constantino, em 313 A. D., pretendeu não apenas impor por persuasão e pela força os seus dogmas de fé, como também através de ameaças e violências levadas a efeito cerceou a liberdade de pensamento. Isto veio a ser danoso tanto para a religião como para a Ciência, pois que desvirtuando a primeira e entravando o progresso desta última, manteve o mundo em trevas espirituais e intelectuais por mais de 1.500 anos, mormente na Idade Média, sob a prepotência da Inquisição. A respeito, exprime-se Taine: "Insensivelmente, desde o quarto século, vê-se a regra substituir a fé viva. O povo cristão entrega-se às mãos do papa... Em vez do Cristianismo, a Igreja; em vez da crença livre, a ortodoxia imposta; em vez do fervor moral, as práticas fixas; em vez do coração e do pensamento agindo, a disciplina exterior e maquinal... Sob essa opressão, a sociedade pensante cessara de pensar..." (1)

A luta declarada da igreja católica contra a ciência foi estudada a fundo por Drapper, e numa de suas observações salienta que: "A autoridade dos padres da Igreja... causava desânimo para tôdas as investigações científicas. Se algumas vezes se prendia um certo interesse a uma questão astronômica, esta questão era logo resolvida por uma passagem de Agostinho ou de Lactância, sem haver, pois, necessidade de consultar os fenômenos celestes." (2) O famoso dito "*Magister dixit!*" (o mestre disse), de referência a qualquer opinião de



Aristóteles, Ptolomeu, ou qualquer dos santos pais ou pais da igreja, punha fim a qualquer controvérsia. Vivia-se, então, o império da retórica vazia mas de efeito sonoro conquanto válida pelo dogmatismo. Ao inverso negava-se a realidade quando descoberta.

É sabido que os pais da igreja se dividiram em dois grupos: aqueles que pretendiam conservar a ortodoxia do cristianismo original, e o outro grupo maior que considerava vantajoso para o progresso da igreja a aceitação de certas doutrinas e práticas do paganismo, inclusive certas concepções helenísticas. Por falta de conhecimento exato sobre a Natureza diversos pais da igreja, sustentavam as mais absurdas concepções, sendo algumas de autores pagãos, e até proibiam investigá-la melhor. Tertuliano (160-240), chegou a condenar todos aqueles que descobrem coisas novas que seria melhor permanecessem ignoradas. (3) Orígenes (185-254) e outros padres da igreja, afirmavam que as estrelas eram providas de alma. Sto. Ambrósio (340-397), dizia que "a luz do Sol é uma coisa e a luz do dia é outra coisa." (4)

Posteriormente, Beda, o Venerável (673-735), doutrinava que o céu é de natureza ignea (fogo), e gira ao redor da Terra com extrema velocidade; que o Sol é vermelho ao entardecer porque está por cima das bocas do inferno; que "Deus temperou os céus superiores onde estão os anjos, com gelo, receando que eles inflamem os elementos inferiores." E o monge egípcio, Cosme Indicopleusta, em sua *Topografia Cristã*, descreve a Terra como sendo um plano retangular fixo com 400 jornadas de Este a Oeste, e 200 de Norte a Sul, e que a noite sobrevém quando o Sol, que é 1/8 do tamanho da Terra, se põe atrás de grande montanha. (4)

Quando Galileu, em 1611, apoiou o sistema de Copérnico, segundo o qual a Terra gira em torno do Sol, foi ameaçado de morte pela Inquisição, no pontificado de Paulo II, caso não renunciasse a teoria em questão. Temendo a morte, retratou-se, de joelhos, negando aquele fato, para ao fim de sua vida replicar: "E contudo se move." Só Aristóteles e Ptolomeu eram admitidos como última explicação aos problemas da Natureza e do universo. A igreja católica era intransigente, e absolutista, de tal modo que: "Aquilo que a Igreja afirma ser prêto, devemos dizer que é prêto, ainda que seja branco"; (5) e ensinava que "a ciência é causa de revolução; só pode haver paz onde o povo seja ignorante." Daí José De Maistre partear a idéia prevalescente na igreja católica de que: "A ignorância vale mais do que a ciência; porque a ciência vem dos homens e a ignorância vem de Deus"; (6) e a razão pela qual os professores católicos clamavam contra a "funesta e pernicioso mania de pensar." (7)

Pelo exposto, não é de admirar que entre "769-814, de cada mil padres espanhóis, apenas se podia tirar um que soubesse escrever uma simples carta"; (8) e o absurdo dos católicos espanhóis, que, no século XII, afirmavam com o maior desassombro que "Deus aprendeu a criar o mundo na Universidade de Toledo." (9) Em pleno ano de 1830, ainda era proibido ensinar nas escolas espanholas o sistema astronômico de Galileu; e um católico inglês, em 1870, chegou a escrever um livro: *Os Decretos Pontifícios contra o Movimento da Ter-*

*ra* (10), para anular a notável descoberta de Galileu.

O papa Paulo II (1464-71), foi outro personagem que declarou guerra contra o conhecimento: "A religião deve aniquilar a ciência porque esta é inimiga da religião"; e transformando as suas palavras em fatos mandou torturar os professores da Academia Platina, em Roma. Bonifácio VIII (1294-1303), condenou a anatomia. Leão XII (1823-29), por sua vez, atacava diligentemente os progressos da impiedade, isto é, a ciência: e entre outras coisas proíbe a vacinação e considera heresia a medicina. Gregório XVI (1831-46), condenou a locomotiva, e outras aquisições científicas, inclusive o pára-raios do herético Benjamin Franklin, porque o pára-raios inutiliza a cólera divina. (4)

Tomás de Aquino (1224-74) o sistematizador do edifício da igreja católica, e de sua hierarquia, reputado como o maior filósofo do romanismo de todos os tempos, cria em bruxaria, incubos e sucubos, e que as feiticeiras quando querem viajam pelo céu em cabo de vassoura e outros engenhos fantásticos, além de aceitar a geração espontânea. (4) Porém, este cognominado *Doutor Angélico*, recebeu também o nome de filósofo sanguínário, porque instituiu o *Odiu Theologicum* contra os que se atrevessem a pensar com liberdade, ou tentassem pesquisar o conhecimento, os quais deveriam ser "excluídos deste mundo pela pena de morte" (11), condenados como hereges.

A igreja católica seguiu a lição dada pelo angélico doutor, Tomás de Aquino, levando à morte o professor Apous, o médico Pointet, o filósofo Bruno Giordano, e muitos outros autores; moveu perseguição a João Batista de La Porta (físico); Roberto Boyle (físico-químico), Priestley (químico), Rogério Bacon (cientista-filósofo), Kepler e Galileu (astrónomos e matemáticos), Campanela (filósofo, porque discordara dos absurdos de Aristóteles), e notáveis personagens outras; manteve sob ameaças, intimidados, Leonardo da Vinci, Erasmo de Rotterdam, Descartes e diversos talentos mais, cuja produção foi limitada pelo medo da Inquisição.

Em pleno século XIX, vários ex-alunos de colégios eclesiásticos, mantidos por jesuítas, protestaram contra a estreiteza mental com que foram educados, destacadamente Voltaire, Sebastião Faure e Ernesto Renan. Voltaire chegou a confessar: "Os padres só me ensinaram latim e tolices" (12), e Renan dissera que saíra mais atrasado do colégio eclesiástico do que quando nele entrara. E infelizmente, tamanha estreiteza espiritual e mental, fez com que, revoltados, muitos ex-alunos de colégios já apontados, viessem a se tornar inimigos da própria religião cristã, da qual só conheciam uma expressão torcida ou caricaturada.

Atualmente os jesuítas, e defensores da igreja católica, pretendem justificar a atitude intolerante, e anticientífica, assumida pelo romanismo como ditadas pelas circunstâncias vigentes no passado, e que agora, já mais esclarecida e tolerante, a própria igreja dá ênfase e estímulo ao estudo científico, cantando-se mesmo muitos católicos e sacerdotes que se destacam por serem pesquisadores em vários setores do conhecimento humano. Ao mesmo tempo a igreja romana procura exaltar as prerrogativas de suas universidades atuais, familiarizando-se com as conquistas científicas mais recentes, não deixando todavia de fazer suas censuras em certos



casos. A conquista da liberdade, fruto da Reforma, e o progresso consequente do conhecimento em todos os setôres, obrigaram a igreja romana a mudar sua atitude de intolerância, que, em seu apogeu chegou a considerar a ciência um mal tão grande como as pragas do Egito; e, mais, perseguiu os cientistas em razão do seu absolutismo. Este absolutismo por ordem do papa Alexandre VII, foi formulado pelo ilustre canonista Prospero Fagnani, como segue: "O Papa tem o poder de fazer quadrado o que é redondo, pode fazer preto o que é branco e o branco preto. O Papa está acima do direito, contra o direito e fora do direito; êle pode tudo" (5). E foi dentro dêste espírito que Pio IX (1846-78), classificou, no *Syllabus*, de peste a Bíblia em linguagem comum (13); e pelo mesmo espírito foi que a ciência ficou manietada por tantos séculos, contra o próprio idealismo cristão, pois Cristo jamais ordenou tal proceder.

Se os tempos mudaram, nem por isso deixamos de ressentir ainda as conseqüências históricas da tremenda luta da religião cega contra a ciência. E, por paradoxal que pareça, foi a cegueira religiosa que, contribuiu mais do que qualquer outra coisa para o surgimento de uma reação negativa por parte de muitos cientistas que passaram a adotar a filosofia de cunho materialista ou ateu, na interpretação do Universo e das forças que o dirigem.

### Ciência sem Deus

A ciência progrediu mais nos séculos XIX e XX do que em todo o passado da história humana. Alcançada a liberdade do pensamento, dantes subjugada, a aplicação do método experimental ao lado de técnicas de pesquisa progressivamente aperfeiçoadas, as invenções e as descobertas foram se sucedendo numa profusão sempre crescente, permitindo ao homem melhor compreensão de numerosos fenômenos da Natureza, ao tempo em que tem procurado tirar da mesma o máximo proveito em interesse próprio e da sociedade. Com isto a Astronomia, a Física, a Química, a História Natural, a Biologia, a Medicina, a Psicologia, e demais ciências afins, corroboradas pelas matemáticas avançadas foram dilatando cada vez mais os seus respectivos horizontes, ampliando a esfera de ação e utilitarismo correspondente.

Lamentavelmente, porém, num entusiasmo precipitado, em face do progresso acentuado das ciências exatas, grande corrente de cientistas passou a cultuar o determinismo da matéria, com o qual pretenderam explicar o próprio fenômeno da vida e sua origem dentro da idéia mecanicista-evolucionista. E assim surgiu o *naturalismo*, a doutrina que nega a existência de uma causa criadora ou transcendente à Natureza, mas que foi ganhando corpo ou aceitação no mundo científico. Para o *naturalismo*, a Natureza existe por si mesma, e se existe um princípio de organização, êle lhe é imanente.

Rejeitando a intervenção de Deus no mundo, isto é, o *supernaturalismo* ou *sobrenaturalismo*, o *naturalismo* pode se revestir sob duas formas: *materialismo* e *panteísmo*, e esta última reduz Deus a uma essência, impessoal, difusa em toda a Natureza ou Universo, tanto em seres animados como inanimados. Dentro de um ponto de vista estritamente teológico, o *naturalismo* consiste em afirmar

a bondade da natureza humana, negando Deus, a necessidade da graça, e qualquer concepção sobrenatural.

As primeiras idéias materialistas surgiram na antiga Grécia, com os filósofos Thales, Heráclito, Anaxágoras, Demócrito e outros, os quais, em seu tempo, afastavam qualquer força estranha às de natureza física e mecânica na própria manifestação da vida, e no universo em geral. Foram, pois, os precursores mais remotos do materialismo, como se pode depreender da própria opinião de Demócrito: "Em verdade, somente há átomos e um vazio." Em 1748, La Mettrie, aparece como um dos precursores do materialismo francês, que ganhou adeptos em muitos países, com o seu livro *L'Homme-Machine*, no qual declara: "o homem é apenas uma máquina viva, sem alma, engendrada e feita exclusivamente pela matéria inorgânica."

Imbuídos de uma mentalidade materialista ou panteísta, filhas do naturalismo, muitos cientistas, entusiasmados com o progresso e conquistas científicas, fundaram uma nova religião: o *cientismo*, que é a crença em toda a potência da ciência positiva, e o seu poder de explicação em todos os domínios. Isto, significa que, divorciando-se da própria idéia de Deus, para o *cientismo* a ciência é tudo.

As raízes do *cientismo* são longínquas, pois vêm dos tempos da decadência escolástica, e da incompreensão dos seus adeptos; porém, foi no século XIX, particularmente, que o homem começou o seu culto ou adoração à ciência, destacando-se entre os seus principais mentores Augusto Comte, Ernesto Renan, Littré, Berthelot, Taine, Brunschvicg, Feuerbach, Plate, Arrhenius e Haeckel, Thomas H. Huxley.

Augusto Comte (1798-1837), matemático e filósofo francês, fundou a doutrina do positivismo, ensinando que: "Cada um de nós tem sido teólogo na sua infância, metafísico na sua juventude, e físico na sua virilidade" (14). Fundou uma nova religião sem Deus (*religião positiva*), tendo por objeto de culto a humanidade, sob os títulos de *o grande ser*, *o grande meio* e *o grande fetiche*, que correspondem à representação da trindade positiva. Na concepção de Comte a crença em Deus é atitude infantil, e que o pensamento racionalista-físico seria típico do pensamento amadurecido. A êste respeito, Comte foi paradoxal, pois que deixando de cultuar a Deus, endeusou a própria esposa, Clotilde, numa devoção que atingiu quase o delírio mental, na velhice.

Renan, considerou que: "a ciência não vale senão na medida em que pode substituir a religião" (15); e seguiu um novo credo ou catecismo: "A minha religião é sempre o progresso da razão, isto é, de ciência" (15); e, como antigo seminarista, justificando sua atitude, escreveu em 1890: "Eu tinha necessidade de resumir a fé nova que substituiria em mim o catolicismo" (16). Foi, portanto, um protesto à educação religiosa, mentalmente estreita, que lhe fora ministrada no seminário em que estudou, à qual bem se aplicaria a definição de Salomon Reinach's: "uma soma de escrúpulos impedindo o livre uso da faculdade humana." (17)

Littré acreditava que a ciência podia resolver todos os problemas. Por sua vez, Berthelot, químico e filósofo, deu ênfase à *ciência positiva* como a *ciência ideal* para tudo explicar e solucionar; tam-

bém acreditava que a ciência é tãda-suficiente para moralizar a humanidade, o que não é certo; e, para mais, opinou que “as idéias morais, como tãdas as outras, estão na dependência das ciências experimentais”. (18) Semelhantemente, Brunschvig, cria na possibilidade exclusiva de melhoramento moral da humanidade pela ciência, considerando a “cultura científica base da renovação dos valores espirituais.” (19)

O pensamento alemão também foi muito influenciado pelo materialismo científico e filosófico. Através de um processo dialético, Ludwig Feuerbach (1804-1872), filósofo materialista integral, opinava que a “a Natureza e não Deus, é que estava em primeiro lugar — e a Natureza é em essência a matéria.” Ao seu modo de ver, “Deus não fez o homem, mas sim que o homem fez o seu Deus, e que o homem não é nada mais que um produto das forças mecânicas da Natureza.” (20) Plate, compartilhava das mesmas idéias, afirmando, em 1907, que: “A matéria existe. Do nada não nasce nada: por consequência a matéria é eterna. Não podemos admitir a criação da matéria.” (21) De igual modo, em 1911, Svante Arrhenius, afirmou que: “a opinião de que alguma coisa possa nascer do nada está em contraste com o estado presente da ciência, segundo a qual a matéria é imutável.” (22)

Dentro do pensamento materialista-evolucionista, Ernest Haeckel (1834-1919), naturalista e filósofo, tornou-se o pontífice do “*Monismo*” (23), uma nova teoria filosófica para substituir a religião — a crença em Deus-Criador. T. H. Huxley, em *Evolution and Ethics*, estabelece as bases de um *humanismo evolucionista*, asseverando que “todo homem é capaz de dar uma razão para a fé que está nele” (24), daí a fé do cientista que basta a ciência para o melhorismo e o progresso moral do homem. O seu neto, Julian Huxley, em 1957, tornou-se o propagador de uma nova *religião sem revelação*, dentro de uma concepção *humanista-evolucionista*, na qual desenvolve uma crença absoluta na ciência, e no próprio homem: “Minha fé está nas possibilidades do homem; espero o êxito de minhas razões para aquela fé.” (24)

A propósito dos intelectuais que pretendem fazer do *cientismo* uma religião, Taine declara: “Eles também (os intelectuais) constituem uma clerezia, pois fazem dogmas e ensinam uma fé... A ciência é uma religião... tem os seus dogmas e reúne os seus fiéis numa grande igreja.” (25) Nisto crê Berthelot: “É a ciência que proporcionará às sociedades humanas leis e uma organização justa e racional.” (26) Estas idéias se difundiram de tal modo pela França que Lavelle manifestou: “O racionalismo é em França, uma espécie de filosofia nacional.” (27)

O paradoxo religioso que é a crença racionalista-materialista, cultuado pelo *cientismo*, é deveras enorme, porquanto: “O mundo, segundo esta nova perspectiva (científica), não tem um fim, um sentido, nem significado. A Natureza não é mais do que matéria em movimento. Os movimentos da matéria não estão governados por nenhum fim senão por forças cegas e leis” (28), conforme observou W. T. Stage, em 1948. Entretanto, segundo o mesmo autor, “A crença na irracionalidade de tãdas as coisas é a quinta-essência do que se chama a mente moderna.” (28)

Na concepção de J. Huxley, “os deuses são

criações do homem, representações personalizadas das forças do destino, com sua unidade projetada, nêles pelo pensamento e imaginação humanos.” (29) Sim, esta concepção seria aplicável ao paganism, mas J. Huxley comete um grande erro quando inclui na mesma categoria o Deus do cristianismo, porque não aceita a revelação bíblica de um Deus pessoal. Por isso arremata: “O tempo está amadurecido para o destronamento dos deuses de suas posições dominantes em nossa interpretação do destino, em favor de um sistema de crença do tipo naturalista.” (29) “Nós que temos a arte, a ciência e a filosofia, não precisamos de igreja” (30), já ensinavam antes Renan e F. Buisson; e este, em 1904, declarou: “Estamos familiarizados com a idéia de que um povo pode viver sem religião. Durante trinta anos esforçamo-nos por dar a essa noção um crescente vigor.” (30)

Em suma, a filosofia do *cientismo*, com pretensões de suficiência experimental em tudo e para tudo, destaca-se melancolicamente e perigosamente pelos seus audaciosos objetivos: afastar Deus do universo; substituir o cristianismo pelo racionalismo materialista; endearar o próprio homem e as possibilidades de suas conquistas científicas; resolver completamente pela cultura científica, artística, e mediante a compensação monetária e alimentar todos os problemas intelectuais, morais, espirituais, econômicos e sociais da humanidade, para torná-la realmente feliz. Eis a grande utopia materialista, o grande sonho do *cientismo*, que, ante a luz da história e dos fatos, não passa de uma fantástica imaginação, pois, na realidade, não pode haver felicidade sem Deus. E sem a afirmação e a realização dos valores espirituais, o próprio progresso transforma-se em grande loucura que termina pelo esmagamento do homem sob o peso da massa material, até a aniquilação.

#### BIBLIOGRAFIA

1. TAINÉ, H. A. — *Histoire de la Littérature Anglaise*, vol. I, pág. 225; 1865.
2. DRAPPER, John William — *Histoire du Développement Intellectuel de l'Europe*, vol. II, pág. 139; 1868-69.
3. MONTALVÃO, Daniel — *Analfabetos Ilustres*, pág. 113; São Paulo, 1939.
4. White, Dickson — *História da Luta Entre a Ciência e a Teologia*; Lisboa, 1910.
5. PIMENTA, Joaquim — *A Questão Social e o Catolicismo*, pág. 80; Rio de Janeiro, 1929.
6. BOSSI, Emilio — *A Igreja e a Liberdade*, pág. 114 (Extr. de *Du Pape, De Maistre*; 1819).
7. ALTAMIRA, Rafael de — *História de la Civilización Española*, vol. I; Mauales Gallardi.
8. IBARRETA, Rogelio H. de — *La Religión al Alcance de Todos*, 3ª ed., pág. 332.
9. GENER, Pompeyo — *La Muerte y el Diablo*, vol. II, pág. 192, nota 391; Barcelona, 1907.
10. White, Dickson — *Op. cit.*
11. AQUINO, S. Thomaz de — *Somme II, II, q. 11. art. 3 e 4*; CANTU — *Histoire Universelle*, vol. X, pág. 552-58.
12. PIMENTEL FILHO, Alberto — *História da Pedagogia e da Educação*, 1ª parte, vol. I, pág. 478.
13. TARSIER, Hugo — *Roma, o Jesuitismo e a Constituinte*, pág. 97; Porto Alegre, 1933.
14. COMTE, Auguste — *Cours de Philosophie Positive I, p. II.*
15. RENAN, Ernest — *L'Avenir de la Science*, págs. XVIII e VII; Paris, 1890.
16. DE BROGLIE, B. L.; SERTILANGES, A. D. & Colbs — *L'Avenir de la Science*, Chap. 3; Paris, 1942.

(Continua na pág. 16)





HÉCTOR  
PEREYRA  
SUÁREZ

# EL EVANGELIO EN AMERICA LATINA

Entrevista exclusiva para EL MINISTERIO AD-  
VENTISTA con el Dr. Juan A. Mackay

*Por mucho tiempo habíamos admirado al Dr. Mackay a través de sus libros y artículos llenos de notable erudición. Ahora tuvimos el placer de entrevistarlo para beneficio de los lectores de EL MINISTERIO. Por cortesía suya, este reportaje se hizo en español. El ex discípulo y amigo personal de Unamuno, ex profesor de filosofía en la histórica Universidad de San Marcos y ex presidente del Seminario de Princeton domina tan bien nuestra lengua que hasta ha escrito en ella algunos de sus excelentes trabajos.*

*Gran cantidad de latinoamericanos tiene prejuicio acerca de la palabra "protestantes". ¿No quisiera Ud., Dr. Mackay, explicarnos el origen de esta expresión y su verdadero significado?*

**Dr. Mackay:** En ambientes católicos y aun en ciertos círculos protestantes, se toma a mal parte el vocablo *protestante* por el sentido negativo que suele dársele ahora. La etimología del término no tiene nada de negativo, sin embargo. En realidad, protestar es afirmar en forma categórica. Esa palabra llegó a teñirse con ese matiz negativo cuando empezó a designarse con ella a ciertos reformadores alemanes que hacían grandes afirmaciones doctrinales de lo que ellos consideraban la verdad primitiva y que estaba en contra de lo que se enseñaba en sus días. Debido a las asociaciones que se han hecho del término, la mayoría de los protestantes de la América Latina prefieren llamarse *evangélicos*.

*¿Desde cuándo puede trazarse la historia del protestantismo en la América Latina, Dr. Mackay?*

**Dr. Mackay:** En el siglo XVI habían llegado al Brasil algunos misioneros protestantes enviados por Calvino, pero no tuvieron muy buen éxito. Considero que la historia del protestantismo en la

América Latina comenzó después del período colonial, con las revoluciones del siglo XIX. Diego Thompson, por ejemplo, que repartía Biblias, era amigo personal de San Martín. Yo diría que el protestantismo latinoamericano cuenta con 150 años.

*¿Cuántos millones de protestantes hay en Iberoamérica?*

**Dr. Mackay:** Entre cinco y siete millones. En el Brasil sólo hay tres millones.

*¿No constituye eso una pequeña minoría en comparación con el número de católicos que dan ciertas estadísticas?*

**Dr. Mackay:** Cuando contamos a los protestantes, nos referimos a los miembros de iglesia. La comparación debe hacerse entonces con los católicos prácticos o militantes. Ahí la desproporción es menor. No hace mucho un sacerdote chileno hizo un estudio del interés religioso del pueblo de su país. Como resultado, halló que sólo el diez por ciento de la población mostraba interés en la iglesia católica, mientras que la cifra para el protestantismo era de once y medio por ciento.

En el Brasil sucede algo similar. Hoy hay más

pastores protestantes brasileños que sacerdotes brasileños en el país. Note que no hablo de proporción, sino de comparación numérica. Eso indica la dirección hacia la cual se mueve el país. Algún día el Brasil podrá ser considerado un país protestante. Hay muchos sacerdotes extranjeros en el Brasil.

*A propósito de extranjeros, ¿puede decirse que el protestantismo es algo importado en la América Latina y que necesita aclimatarse, o hay algo en el temperamento latinoamericano afín con el protestantismo?*

**Dr. Mackay:** No es cierto que el protestantismo sea exótico en países hispánicos ni que su temperamento carezca de afinidad con él. Se sabe que hubo un gran movimiento protestante en España en el siglo XVI. Algunos historiadores afirman que si no hubiese sido por la Inquisición, se habría impuesto. Muchos grandes pensadores españoles de la época eran de tendencia protestante. Entre los grandes místicos del Siglo de Oro, figuran nada menos que Fray Luis de León, Fray Luis de Granada y Santa Teresa de Jesús, a quienes muchos protestantes reclaman como de sus filas. Por esa misma razón, escribieron algunas de sus obras maestras en la cárcel. Hubo toda una literatura protestante en España.

*Eso es muy interesante. Fuera de tendencias manifestadas en escritores como los que Ud. menciona, poco se sabe de un movimiento literario, ¿verdad? ¿Podría Ud. decirnos más acerca de esta importante materia?*

**Dr. Mackay:** No se la conoce mucho todavía porque toda esa literatura había sido destruída. Desapareció por tres siglos. Por suerte, a mediados del siglo pasado, un inglés y un español la descubrieron al encontrar el libro llamado *Carrascón* en una librería de viejo de Sevilla. Al leerlo, se les ocurrió que debería haber más. Se pusieron, pues, en procura del resto. Para ello, recorrieron todas las librerías de Europa. El último ejemplar de esa literatura perdida lo halló un francés en Lisboa en 1926. Se llamaba *Diálogo de la Doctrina Cristiana*, escrito por Juan de Valdés, el célebre erudito español que fué secretario de Carlos V y del cual Menéndez y Pelayo, el gran crítico literario español, que era muy católico, dijo que era el mejor prosista español después de Cervantes.

*¿Cuántos autores llegaron a conocerse de esa escuela o tendencia?*

**Dr. Mackay:** Se lograron reunir obras de dieciséis autores. Algunas comenzaron a editarse ya. Yo tengo toda la colección. También la posee la Universidad de Johns Hopkins.

*¿Por qué le parece que no tuvo buen éxito ese movimiento protestante español que menciona y que dió origen a todo un movimiento literario?*

**Dr. Mackay:** Ya mencioné la Inquisición. Otra, que no alcanzó a llegar al pueblo. Se ahogó en círculos intelectuales. Para contestar a su pregunta de si el protestantismo es importado en la América Latina, diré que tuvo que venir de afuera porque había estado prohibido durante la época colonial. Creo que se adapta más a las necesidades de América y que tiene más que ofrecerle. Por eso, cuando de veras se lo conoce, es bien acogido.

*¿Qué hechos diría Ud. que prueban esa mayor*

*popularidad actual del protestantismo en Iberoamérica?*

**Dr. Mackay:** En agosto del año pasado, por ejemplo, se celebró en el Brasil el primer centenario del presbiterianismo en el país. Entonces el presidente de la república pronunció un magnífico discurso en la catedral presbiteriana de Río de Janeiro. Era la primera vez que un mandatario latinoamericano hacía algo semejante en una reunión evangélica. En el mismo mes, un congresista brasileño habló largamente ante el Congreso Nacional para hacer la historia del protestantismo en el Brasil, en lo cual tomaron parte otros de sus colegas.

*¿A qué se debe, Dr. Mackay, que tantos intelectuales iberoamericanos sean incrédulos?*

**Dr. Mackay:** A la falsa idea que tenían del cristianismo. Recuerde las asociaciones del mismo nombre de Cristo en países como la Argentina. Para referirse a un "pobre diablo" o tonto, usan a veces la expresión: "Ese es un Cristo".

*¿A qué se vuelve la gente cuando, desilusionada, reniega de la religión?*

**Dr. Mackay:** Eso es algo grave. Al no hallar satisfacción en la forma de cristianismo que conocen, recurren a falsos substitutos, entre ellos el espiritismo que, a mi entender, es a lo menos una regresión primitivista.

*En esa misma conferencia (\*), hubo representantes del grupo cristiano más numeroso que confesaron que nunca se logra completamente la conversión de los indígenas sudamericanos. Ud, que conoce bien a esos indios, ¿tiene el mismo informe pesimista que dar acerca de la obra protestante entre ellos?*

**Dr. Mackay:** Es verdad que cierta obra cristiana entre los indios sudamericanos es muy superficial. Los deja en su paganismo, sus vicios y su ignorancia. No hace mucho apareció un libro escrito por una señora, titulado *Ídolos Detrás de los Altares* (\*\*). En él se mencionan los diversos ídolos indígenas que fueron bautizados con nombres cristianos.

Existe gran diferencia, sin embargo, en la obra de los misioneros adventistas, por ejemplo, en la zona del Lago Titicaca, entre Bolivia y el Perú.

*¿A qué atribuye Ud. esa diferencia?*

**Dr. Mackay:** Aquí no sólo se los bautiza o se les enseñan ritos, sino que se los pone en contacto con el Cristo vivo, capaz de transformarlos para bien. No sólo se convierten y mejoran como indios. Esa influencia elevadora se nota en comunidades enteras de indios.

*¿De qué modo colabora el protestantismo de Iberoamérica para mejorar las condiciones del pueblo?*

**Dr. Mackay:** Por medio de hospitales, dispensarios, asilos y escuelas de todas clases.

(\*) The Stanford Conference of Latin America.

(\*\*) Idols and the Shrines

Royde Smith

Hollis and Carter Ltd., 25 Ashley Pl., London.

N. da R. — Para que a entrevista conserve seu sabor original, e os leitores tenham as palavras textuais do ilustre entrevistado, que as proferiu em castelhano, o presente artigo não foi traduzido.





## Passos Essenciais Para Obter-se Êxito no Ministério — IV

### Inteligência

TAYLOR G. BUNCH



**A** INTELIGÊNCIA define-se como acuidade mental, intuição, instinto; a capacidade de compreender e entender, e de lidar eficientemente com as situações difíceis. É portanto diferente do conhecimento — resultado do esforço humano. A inteligência não se adquire nos livros ou através de sistemas de educação ou treinamento, embora possam desempenhar uma parte em seu desenvolvimento.

Algumas pessoas altamente instruídas não são sábias ou inteligentes. Falta-lhes julgamento, bom senso e discernimento — evidências da inteligência. A inteligência é semelhante à sabedoria, e esta é análoga à capacidade inata, o que possibilita o devido uso do conhecimento.

Ninguém carece mais senso comum e inteligência do que o ministro que precisa lidar com toda a espécie de pessoas e toda a espécie de situações. Necessita êle constantemente manter-se no meio do caminho.

Praticamente em todas as igrejas há três grupos de pessoas: os que se desviam para a direita, os que viram para a esquerda, e os que trabalham no centro da estrada. A maioria deve estar no grupo do centro. Os que derivam para a direita são os ultra-liberais, que vão a extremos de condescendências e têm somente "uma forma de piedade." São "mais amantes dos prazeres do que amigos de Deus." É-nos dito que "os que se estão unindo com o mundo, estão-se amoldando ao modelo mundano, e preparando-se para o sinal da besta." — *Testemunhos Seletos*, Vol. 2, pág. 71. A menos que esta classe de pessoas experimente um reavivamento e reforma espirituais estarão perdidos.

Por outro lado, os que se viram para a esquerda vão a extremos de restrição e são demasiado justos. Sempre há uns poucos dêles em todas as igrejas, e nos é dito que os haverá até ao fim. Centenas de advertências nos foram dadas contra todas as formas de extremismos e fanatismos. Infelizmente, alguns ministros pertencem a esta classe, e, conquanto seja difícil compreender-se, alguns médicos vão a grandes extremos em relação aos nossos princípios de saúde. Mais do que qualquer pes-

soa, os pastôres necessitam manter-se no meio da estrada, e empregar sua influência para trazer os que caem nos extremos, quer de condescendência, quer de restrições, a uma posição correta e segura.

Bela descrição de Cristo se registra em Isaías 11:1-5. Ele se acha claramente identificado no versículo primeiro, e a seguir se enumeram as sete facetas de Sua sabedoria e inteligência, às quais os teólogos judaicos se referem como sendo "os sete espíritos de Deus." Ele possuía o espírito de sabedoria, inteligência, conselho, fortaleza, conhecimento, discernimento e temor do Senhor. Em outras palavras tinha o espírito de perceber ou discernir uma situação e capacidade de lidar com ela. Não devia todo ministro esforçar-se para preencher essas qualificações para o serviço na qualidade de embaixador de Cristo?

Isaías apresenta outro quadro do Mestre Pregador: "O Senhor Jeová me deu uma língua erudita, para que eu saiba dizer a seu tempo uma boa palavra ao que está cansado: Ele desperta-me todas as manhãs, desperta-me o ouvido para que ouça, como aqueles que aprendem. O Senhor Jeová me abriu os ouvidos, e eu não fui rebelde; não me retiro para trás." Isa. 50:4 e 5. Cristo acha-Se claramente identificado nos dois versos seguintes. Sua oração e vida devocional constituíam o segredo de Sua inteligência e capacidade de responder aos inimigos e falar uma palavra a seu tempo a todos os cansados. De acordo com outra tradução Ele se despertava "de madrugada" para Seu momento de oração e devoção. Seus embaixadores têm muitas vezes levantado em hora bem cedo para o mesmo propósito.

Como ministros necessitamos e muito de equilíbrio emocional, estabilidade e ponderação. No parágrafo inicial do capítulo segundo de *Vereda de Cristo* é-nos dito que "o homem foi originariamente dotado de nobres faculdades e de um espírito bem equilibrado," indicando que o pecado desequilibrizou o espírito de todos os transgressores, sendo o propósito do evangelho restaurá-lo à perfeita sanidade e devolver ao homem a normalidade. Diz S. Paulo: "Haja em vós o mesmo sentimento [espírito] que houve também em Cristo Jesus" (Fil. 2:5), por ser Ele o único descendente de Adão que possuiu espírito perfeitamente equilibrado.

Quanto mais semelhante a Cristo fôr uma pessoa, maior sanidade desfruta.

Que tragédia para um dirigente espiritual incidir em erro, ser irracional e fanático. Em seu livro *Just for Today* D. A. Delafield diz: "Não há terreno onde o joio do pecado cresça tão rapidamente como no espírito dos extremistas que gastam seu tempo ensinando meias-verdades, dando excessiva ênfase a pequenas verdades, ou promovendo idéias estranhas, descabidas no evangelho." — Pág. 225. Jesus declarou que os fariseus eram hipócritas e fanáticos, e lhes disse: "Dizimais a hortelã, o endro e o cominho, e desprezais o mais importante da lei, o juízo, a misericórdia e a fé; deveis, porém, fazer estas coisas, e não omitir aquelas. Condutores cegos! que coais um mosquito e engulis um camelo." S. Mat. 23:23 e 24. Davam maior importância a coisas secundárias, e consideravam secundárias coisas de maior importância.

Em seu livro *Some to Be Pastors*, Pedro Pleune diz à pág. 99: "Sabemos que os excêntricos, legalistas e fariseus se encontram em todos os grupos de fé religiosa. Geralmente sofismam reivindicações éticas de maior importância, compensando-as por uma excessiva consideração sobre assunto de menor importância." Diz outro escritor: "Somos individualistas, e nenhum grupo se aguenta debaixo da tentação maior de tornar-se desigual e ligeiramente desequilibrado." — Bispo Geraldo Kennedy, *Word Through Preaching*, pág. 169.

Jorge Whitefield disse a um grupo de ministros que certa espécie de sermão se compõe de "material pobre, seco e insípido," e diz a serva do Senhor: "Certas mentes são mais como velhos bazares de curiosidades do que outra coisa. Muitos retalhos e fragmentos, da verdade foram recolhidos e armazenados ali; não sabem, porém, como apresentá-los de maneira clara e harmônica. É a relação que essas idéias têm umas com as outras, que lhes dá valor. Toda idéia e declaração devem estar tão intimamente unidas como os elos de uma cadeia. Quando um ministro atira uma massa de assuntos perante o povo a fim de que eles a recolham e ponham em ordem, seu trabalho é perdido; pois serão poucos os que façam isto." — *Evangelismo*, págs. 648 e 649.

Há muito zelo que não está de acordo com o entendimento. Não é guiado ou produzido pela sabedoria ou pela inteligência. No prefácio de seu livro *Case Work in Preaching*, Esdras Rhodes diz: "A capacidades da maioria dos ministros poderia ser multiplicada se se dispusessem a conhecer e eliminar erros evidentemente triviais, excêntricos e inibições." Quão exato é isto. *Tantos deles insistem em coisas de somenos, ou põem ênfase em as-*

*suntos de importância secundária comparados com os grandes fundamentos do evangelho, ou superestimam o que é negativo chegando a negligenciar o positivo. O prejuízo que causam é incalculável.*

A propósito temos as seguintes advertências: "Muitos são fanáticos. São consumidos por um ardente zelo, o qual é tomado por religião." — *Testemunhos Seletos*, Vol. 1, pág. 170. Daí se deduz que tal coisa nem sequer merece o nome de religião. "DEVEMOS SER MUITO CAUTELOSOS EM NÃO AVANÇARMOS COM DEMASIADA RAPIDEZ, PARA QUE NÃO SEJAMOS FORÇADOS A VOLTAR ATRÁS. EM MATÉRIA DE REFORMAS MELHOR NOS SERÁ CHEGAR A UM PASSO DO ALVO, DO QUE IR UM PASSO ALÉM DELE. E SE POVENTURA HOVER ERRO, QUE SEJA DO LADO MAIS PRÓXIMO DO POVO." — *Test. for the Church*, Vol. 3, pág. 21.

O conselho acima é especialmente oportuno para os que instruem novos membros que anseiam andar em todo raio de luz e têm confiança ilimitada em cada membro da igreja. Devido à falta de entendimento são eles facilmente levados ao fanatismo. Precisam pois ser alertados a não avançarem demasiado depressa, devido ao perigo de irem demasiado longe e depois terem de passar pela experiência de um recuo decepcionante. Quando o maligno falha em sua tentativa de impedir que a pessoa progrida na luz da verdade, começa a empurrar, na esperança de jogá-la além da verdade, no fanatismo.

Há a tendência de esperar-se que os novos conversos alcancem, em poucos dias, o desenvolvimento espiritual que outros alcançaram em vinte ou trinta anos; a alcançarem as fronteiras da Terra Prometida num grande passo; a adaptarem sua vida a um modo de viver e alimentar-se inteiramente novo, e de maneira tão rápida que se tornam desanimados, e voltam às antigas práticas ou desistem e retornam ao mundo. Há muito para aprenderem, e as transformações devem operar-se de modo a atingir cada aspecto da vida. Necessita-se, portanto, muita paciência para dar-lhes oportunidade de empreenderem a jornada espiritual, dando os passos no tempo certo. Todos os membros devem empreender a jornada com Cristo e Sua igreja, não ficando para trás, nem correndo para a frente. "Deus tem uma igreja na Terra, que é Seu povo escolhido, que guarda Seus mandamentos. Ele dirige, não ramificações extraviadas, não um aqui outro lá, mas um povo." — *Test. to Ministers*, pág. 61.

A inteligência, portanto, é absolutamente essencial ao êxito na liderança do povo de Deus, se ela pretende ser superior e exercer influência dominante para o bem.

## Crianças Insubordinadas e Mexerotas

"Não se deve permitir que as crianças pensem que tudo na casa são brinquedos seus, para fazerem com tudo como lhes apraz. . . . É intento de Deus que as perversidades naturais à meninice sejam desarraigadas antes que se tornem hábitos." — ELLEN G. WHITE, *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, pág. 109.



# Repondo o Pregador no Culto Sabático da Segunda Hora

ROBERT H. PIERSON  
Presidente da Divisão Sul-Africana

NAQUELA manhã de sábado, a grande congregação achava-se reunida para o culto. Era uma de nossas grandes igrejas. O presidente da Associação estava designado para falar no culto da segunda hora. Havia êle trabalhado muitos anos no campo missionário, e sendo meu amigo, eu aguardava com desusada ansiedade sua mensagem inspiradora e interessante.

Os ponteiros do relógio do templo marcavam exatamente onze horas. Olhei, esperançoso, para a porta da sala do pastor, esperando que a qualquer momento se abrisse e os irmãos que tomassem parte na direção do culto se dirigissem para a plataforma. Sómente cinco minutos depois das onze minhas esperanças se realizaram, e todos ocupavam seus lugares.

As partes de abertura do programa do culto se fizeram normalmente. Todos os anúncios que constavam da agenda foram devidamente lidos, realçados, e ampliados até. Uma campanha que então se fazia ocupou plenamente uns bons dez minutos. Mais uns poucos anúncios extras e lembretes foram feitos em boa medida. Levantaram-se duas ofertas — a de praxe e outra especial para uma causa sem dúvida muito digna.

Ao tempo em que estas boas partes se fizeram, o relógio da igreja nos lembrava de que eram onze horas e quarenta minutos. Comecei a tornar-me impaciente. Estava ansioso por ouvir o Pastor . . . . . falar. Mas para minha aflição descobri que “o fim não chegara ainda.” Ainda outros diversos pormenores requeriam atenção — cartas de transferência, e um diácono foi ordenado. Receei que o Pastor . . . . . não pudesse ser apresentado antes do hino final. Meus temores, no entanto, eram infundados, pois exatamente sete minutos antes das doze horas o culto foi entregue ao orador do dia. Homem de muito tato, o Pastor . . . . . pregou o sermão de apenas sete minutos sem nenhuma referência ao atraso. Ambos os ponteiros do relógio do salão cobriam precisamente o algarismo doze quando êle se sentou.

Senti-me roubado. Pessoalmente eu necessitava de toda a mensagem daquele pastor. Deixei a igreja com íntimos ressentimentos com as muitas boas partes apresentadas e que deixaram apenas sete minutos para o estudo da Palavra. A meu ver é êste o aspecto mais importante na hora do culto sabático da segunda hora.

Felizmente êste fato verídico aqui descrito não é comum. Normalmente, como ministros, temos mais do que sete minutos para nosso sermão do

sábado. Contudo, em muitíssimas igrejas, muitas partes extras e excesso de variações, e anúncios dispensáveis estão prejudicando o tempo da exposição da Palavra. Muitas coisas, boas em si mesmas em ocasiões apropriadas, estão tomando os minutos que devem ser considerados sagrados para o estudo da Palavra de Deus.

## Que Podemos Fazer Para Salvaguardar o Tempo Destinado ao Sermão?

Visitar uma grande igreja em uma cidade constitui sempre júbilo para o pregador visitante. Tendo pregado muitas vezes em algumas delas posso falar de experiência própria. Como a grande maioria de nossos fiéis pastores, o Pastor . . . . . é um dirigente consagrado e eficiente. Êle traz tudo *bem organizado* e *antecipado* para o culto da segunda hora. Todos os que vão tomar parte são disso notificados previamente. Não há atrapalhamentos de última hora. Cada pessoa que deverá subir à plataforma se mune de um exemplar do programa do culto ao entrar na sala do pastor alguns minutos depois de terminada a escola sabatina.

Nesta igreja o culto sabático da segunda hora começa pontualmente no horário. Nenhuma demora prejudica o sermão. Na hora designada os ministros estão tomando seus assentos na plataforma. Os membros acostumaram-se com essa pontualidade e se põem em atitude reverente aguardando o início do culto.

O Pastor . . . . . usa um boletim de anúncios muito atrativo. Contém os anúncios regulares para a semana, e desde que a congregação recebe o boletim e o lê, não julga êle necessário ler do púlpito o que nêle se contém. Em certas ocasiões, poderá haver anúncios especiais de última hora, ou necessidade de realçar algum anúncio também especial, porém normalmente o boletim semanal é suficiente, e no púlpito não se fazem anúncios. Êle pede que as matérias a ser anunciadas estejam no escritório do pastor na quinta-feira ou talvez na quarta, com tempo amplo para aparecerem impressas ou mimeografadas no boletim.

O desenvolvimento de nossos vários planos departamentais da igreja tem um lugar na agenda. Não os negligencemos. Um bom sermão espiritual sobre a recolta ou a educação cristã pode ser uma parte do culto como um sermão sobre o novo nascimento. Colocando-se a devida moldura espiritual em nossos sermões, êles ficam qualificados para o culto sabático da segunda hora.

Através dos anos, contudo, observei que as várias campanhas podem ser promovidas com eficiência em outras horas, que não as do culto. O culto do primeiro sábado do mês, que pertence ao Trabalho Missionário, os dez minutos missionários em cada sábado, a escola sabatina e as reuniões dos MV — tudo oferece excelentes oportunidades para realçar a obra desses departamentos. Foram especialmente destinadas para este propósito. Se planejarmos cuidadosamente, estas partes importantes não prejudicam o tempo que deve ser devotado ao estudo da Palavra de Deus no culto matinal do sábado.

Se o Pastor . . . . . tem partes especiais a serem apresentadas no sábado de manhã, como relatórios da comissão de nomeações, ordenação de anciãos e diáconos, cartas de transferência, e coisas semelhantes, sei que ele é capaz de ajeitar seu programa de modo que alguma coisa de menor importância seja abreviada e não o sermão. Se um pregador visitante deve ceder um pouco de seu tempo, o pastor local o avisa com antecedência, de modo que possa ajeitar-se enquanto prepara a mensagem.

Na igreja de . . . . . os responsáveis evitam, tanto quanto possível, arrecadar mais de uma oferta no culto divino do sábado de manhã. Se se deve levantar oferta especial, ela é arrecadada geralmente na mesma ocasião da oferta regular. Isto poupa tempo considerável e não dá aos visitantes a impressão de que demasiado tempo de nosso culto se dedica a interesses financeiros, mais do que a interesses espirituais.

#### Sermão — Parte Importante do Culto

Declara a Inspiração que os homens são salvos “pela loucura da pregação” (I Cor. 1:21). A pregação da segunda hora ocupa lugar original e destacado na vida da igreja. Num sentido especial, o Deus do Céu encontra-Se com Seu povo para uma entrevista.

Quanto de tempo deve ocupar normalmente um sermão no culto sabático da segunda hora? Não posso afirmar categoricamente que deva ocupar vinte, trinta ou quarenta minutos. Alguns entendidos, cujo julgamento muito respeito, declaram que o

pregador deve ser capaz de condensar a mensagem num discurso de vinte minutos. Outros, cujas opiniões igualmente acato, sentem que o pastor adventista cheio do Espírito e com o encargo de almas deve alimentar com proveito seu rebanho em trinta e cinco ou, no máximo, quarenta minutos no culto do sábado, e terminar infalivelmente às doze horas. Creio, no entanto, que tanto a ocasião como o pregador devem ser levados em conta. Mas que seja de modo tal que o designado ministro de Deus apresente a mensagem divina especial para o dia.

Este tempo para o estudo das Escrituras não deve ser rigorosamente cronometrado. Não se permita que coisa alguma subtraia ou apresse indevidamente a pregação da Palavra nessa ocasião. Deixemos Deus falar! Não Lhe abafemos a voz com outras coisas, boas e dignas de atenção em outras ocasiões. Demos ao pregador seu lugar devido no culto da segunda hora no sábado de manhã!

## A Ciência e Religião

(Continuação da pág. 10)

17. HUXLEY, Julien — *Religion without Revelation*, pág. 178; The New American Libr. of W. L., N. York, 1958.
18. BERTHELOT, P. E. M. — *Science et Philosophie*, pág. 41; Calmann Lévy, 1886.
19. BRÜNSCHWIG, Léon — *Les Progrès de la Conscience dans la Philosophie Occidentale*; Paris, 1927.
20. TRATTNER, Ernest B. — *Architects of Ideas*, chap. 10.
21. PLATE, — *Ultramontane Weltanschauung und moderne Lebenskunde*, pág. 55; 1907.
22. ARREHNIUS, Svante — *Die Vorstellung von Weltgebäude im Wandel der Zeiten*, pág. 362; 1911.
23. HAECKEL, Ernest — *Maravilhas da Vida*; Livr. Lello, Lisboa, 1946.
24. HUXLEY, Julien — *Op. cit.*, pág. 212.
25. TAINÉ, Hypollite — *Les Origines de la France Contemporaine*, tome II, págs. 210 e 213.
26. PAÏNLEVÉ, Paul — *Paroles et Ecrits*; 1936.
27. LAVÉLIE, M. — *Le Temps*, Jun. 4, 1922.
28. STAGE, W. T. — *Man Against Darkness*, *Atlantic Monthly*, Sept., 1948.
29. HUXLEY, Julien — *Op. cit.*, págs. 51 e 62.
30. DE BROGLIE, Louis; SERTILANGES, A. D. & Colbs, *Op. cit.*, págs. 141 e 142.

### Reprimir na Criança a Tendência de Depredar as Coisas

“A educação precisa ser completa e uniforme. Toda a mãe necessita ser diligente. Não deve permitir que coisa alguma lhe desvie a mente. Não deve permitir que seus filhos sigam a vontade indisciplinada em pegar as coisas no lar. Devem ser ensinados a não deixarem a casa em perpétua desordem mexendo nas coisas para seu próprio divertimento. Mães, ensinaí os filhos desde os mais tenros anos a não considerarem que tudo no lar seja brinquedo para eles. Por estas pequenas coisas se ensina a ordem. Não importa a birra que possam fazer; não permitais que o espírito de destruição — muito manifesto na primeira infância e meninice — seja encorajado e cultivado. ‘Farás’ e ‘não farás’, diz Deus. Sem perder a calma, porém com firmeza os pais precisam dizer ‘Não’ aos seus filhos, e confirmar isso.” — ELLEN G. WHITE, Manuscrito 64, 1899.





## Como o Presidente do Campo Pode Realizar Obra Evangelística

TEODORO CARCIC  
Presidente da União Central da Divisão Norte-  
Americana

**É** O evangelismo público tarefa que exige todo o tempo de quem a êle se dedica. Dirigir uma série de conferências requer tôdas as horas que o relógio possa marcar. Como pode um presidente de campo organizar seu tempo, êle que precisa vigiar as igrejas, participar de comissões de colégios, sanatórios e outras instituições, além das comissões de sua Associação, para dedicá-lo a conferências públicas? Como arranjará tempo para ler sua volumosa correspondência, escrever cartas, informações, boletins e ainda pregar em conferências públicas? De onde conseguirá tempo para ouvir e atender os que diàriamente se dirigem ao seu escritório, inclusive pastôres, diretores departamentais ou delegações de igrejas, pessoas angustiadas ou com problemas, irmãos desgostosos, e dar-lhes o conselho e ajuda de que necessitam, e ainda visitar os interessados das conferências públicas?

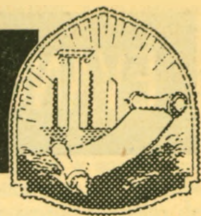
O devido *contrôle do tempo* é o fator primordial para que o administrador possa desenvolver um programa evangelístico. Suas reuniões não devem interferir com as reuniões gerais e regionais, ou comissões plenárias de meiado ou fim de ano ou outras reuniões importantes às quais se espera que compareça. Pode escolher entre o dirigir reuniões aos domingos à noite durante três meses ou dirigir uma série curta de conferências, da espécie "ponta de lança", em diversas localidades de seu campo. Pessoalmente, prefiro o primeiro, porque me permite melhor comparecer às reuniões de comissão.

Outro ponto importante é ter-se pronta tôda a lista de assuntos antes de começar as reuniões evangelísticas. Durante a semana sempre se pode achar tempo para rever a conferência a ser proferida e

ajustá-la aos últimos acontecimentos. Tal sistema economiza tempo e evita a insegurança que se nota num sermão preparado sem esmero. Também proporciona tempo para que se possa ler a correspondência diária.

Sendo possível, deverá o presidente de campo realizar suas reuniões evangelísticas em região onde haja um pastor que possa ajudá-lo atendendo ao interesse que se suscitou. Dever-se-á organizar os membros das igrejas para que distribuam convites e publicações e convidem as pessoas para assistirem às reuniões. Se alguns dos membros do *staff* de seu campo [departamentais] se unirem ao presidente para levar a cabo estas conferências, o diretor do departamento missionário deverá responsabilizar-se pela organização em grupos e preparo dos membros da igreja. O departamental dos jovens deverá organizar a juventude para que apresente as variações musicais. O tesoureiro do campo poderia colaborar no preparo da propaganda, e encarregar-se do lado financeiro dessas conferências. O encarregado das publicações naturalmente deverá preparar um plano para a distribuição e venda de publicações nossas. Uma vez por semana deverão reunir-se tôdas estas pessoas com os membros da igreja e as pessoas que colaboram nas visitas aos interessados, para conversarem com o orador e organizarem o trabalho.

Sim, um presidente de campo pode fazer obra evangélica, porém nunca em prejuízo de suas atividades administrativas. Pode fazê-lo, dividindo bem seu tempo, com planos inteligentes e organizando cabalmente os colaboradores e suas atribuições.



## O Homem Fóssil e o Monísmo - I

ORLANDO R. RITTER

Professor de Matemática e Ciências no Colégio Adventista Brasileiro



**É** FATO conhecido que a doutrina da evolução, na maioria das suas modalidades, firma-se na hipótese da origem simiesca do homem como um de seus fortes fundamentos.

Realmente, Ernesto Henrique Haeckel (1834-1919) tão bem conhecido nos meios científicos

pela sua combatividade e mesmo pelas suas fraudes, apontado por muitos como o pontífice da evolução, foi um dos primeiros a reconhecer o imenso valor do monismo para toda a doutrina da evolução orgânica. E de fato, tanto argumentou e escreveu em favor da origem simiesca do homem, que ficou sendo conhecido como o "apóstolo do monismo".

Quando Haeckel construiu em todo o seu zelo e apriorismo a cadeia genealógica dos seres viventes e do homem, a partir das hipotéticas moneras e das amebas, admitiu terem existido entre os macacos antropomorfos e o homem os famosos elos intermediários, meio homens e meio macacos, que evidenciariam a passagem dos monos para os seres humanos!

Aliás, antes ainda de Haeckel exercer sua forte influência e quando ele contava apenas 23 anos (1857), o Dr. Fuhlrott encontrou na caverna de Feldhofer, no vale de Neanderthal na Alemanha, uma calota craneana e outros restos fossilizados dum esqueleto, sobre os quais foi reconstituída uma criatura humana, de características um tanto simiescas, de crâneo enorme e achatado, fronte fugidia, abóbada craneana baixa e proeminentes arcadas superciliares. Esta criatura ficou sendo conhecida por "homem de Neanderthal" e como só se podia esperar, as discussões em torno da descoberta foram muitas e calorosas, procurando os evolucionistas e monistas tirar delas o máximo proveito.

Posteriormente, no mundo inteiro foram encontrados restos de homens fossilizados, tanto da raça de Neanderthal como de outras, e escusado é dizer que cada nova descoberta incentivava mais os

ardorosos defensores do monismo a ponto de uma boa maioria o admitir como fato consumado. Consideremos por alto os remanescentes do homem fóssil encontrados pelo mundo e como defensores do criacionismo e da verdadeira ciência, tiremos para nós algumas conclusões.

*Homem fóssil na Ásia.* - Na ilha de Java, no jazigo de Trinil, nos anos de 1891 e 892 o oficial médico holandês Eugene Dubois encontrou uma calota craneana de mais ou menos 900 cc. de capacidade, um fêmur idêntico ao humano a 15 m. da calota, dois molares sensivelmente simiescos e um pré-molar humano.

A reconstituição a partir da calota indicava uma criatura de capacidade craneana muito baixa e características simiescas, (arcadas superciliares muito acentuadas formando uma espécie de viseira como em certos macacos, buraco occipital deslocado, etc.) enquanto a reconstituição feita a partir do fêmur permitia atribuir à criatura uma atitude ereta que lhe valeu o nome de "Pithecanthropus erectus" (homem-macaco de atitude ereta).

A alegria no mundo evolucionista foi geral, os debates foram porém tempestuosos e as conclusões foram as mais diversas possíveis. Para alguns tratava-se de um macaco mais "avançado", talvez do tipo dos gibões do sul da Ásia; para outros tratava-se do pretenso elo intermediário, para outros era apenas um homem degenerado e ainda outros julgavam tratar-se dos restos de um idiota.

O célebre patologista alemão Rudolf Virchow opôs tenaz resistência ao Pithecanthropus como elo intermediário entre os monos e o homem. A princípio ele afirmou não pertencerem a um mesmo indivíduo a calota e o fêmur encontrados, mas foi rebatido por paleontólogos que pretenderam ter provado o contrário. Apesar disto as mesmas dúvidas ainda persistem e bem fortes!

Posteriormente Virchow pretendeu provar a origem humana do fêmur chamando a atenção dos cientistas para um vestígio de fratura e a conseqüente inflamação óssea (hiperosteose) e a cura,



dizia êle, só poderia resultar dos cuidados que um ser humano poderia ter tido. Os paleontólogos revidaram expondo vários fêmures de macacos com vestígios semelhantes evidenciando que essas lesões podem curar-se sem tratamento.

Finalmente, Virchow pretendeu provar a origem simiesca do crâneo chamando a atenção para o profundo sulco existente entre o bordo superior das órbitas e a abóbada craneana, mas o paleontologista Nehring mostrou pouco depois um crâneo humano procedente de Santos, no Brasil, exatamente com a mesma característica simiesca.

Os paleontólogos monistas da época pretenderam ter vencido a Virchow na argumentação, mas erraram ao apoiar a conclusão da existência do homem-macaco em material tão precário e tão sujeito a controvérsias. Hoje os fatos obrigaram os paleontólogos monistas a não incluir o Pithecanthropus na genealogia do homem "moderno", mas, dizem êles, trata-se de uma raça colateral de homens que não "vingaram".

Entre 1936 e 1939 Von Koenigswald descobriu na encosta de Sangiram, na mesma ilha de Java, fragmentos de três crâneos semelhantes ao do Pithecanthropus (sem apófises mastóides) e dois pedaços de maxilares inferiores sem queixo com três molares. A reconstrução nesse caso foi um pouco mais fácil e permitiu concluir da existência dos Pithecanthropus na ilha de Java. A capacidade craneana dêstes Pithecanthropus variava também entre 800 e 900 cc.

As várias características simiescas dos Pithecanthropus não precisam necessariamente ser encaradas como "primitivismo", pois não raro são encontrados, segundo boas autoridades, nos próprios australianos atuais e em alguns casos já conhecidos, a sua capacidade craneana tem descido até os 900 cc. Segundo um relatório de A. Flemming, o diretor do Instituto de Anatomia da Austrália, ao estudar restos de criminosos executados em Melbourne, encontrou num dêles características visivelmente simiescas (buraco do occipital deslocado para trás, arcadas superciliares proeminentes, braços exageradamente longos) e segundo o autor, o seu crâneo praticamente correspondia ao do próprio Pithecanthropus. Que impede, que no passado, uma raça de seres humanos extremamente degenerados tenha habitado a ilha de Java e o Oriente, deixando aí uns parcos remanescentes fósseis?

Convém acentuar a falta de sinceridade científica de Dubois que, para não "atrapalhar" os debates e a reconstrução do Pithecanthropus, não apresentou o "molar humano" durante quase 40 anos, dando notícia dêle apenas em 1930. Atitude bastante reprovável numa investigação verdadeiramente científica.

Também na ilha de Java, e a algumas dezenas de quilômetros do jazigo de Trinil e às margens do rio Solo, foram encontrados por W. Oppenorth fragmentos maiores e menores de crâneos correspondentes a 11 indivíduos, além de duas túbias. As características não eram tão simiescas como as do Pithecanthropus e a capacidade craneana variava entre 1.200 e 1.300 cc. Em face da localização geográfica dos fósseis, ao homem representativo desta raça foi dado o nome de "Homo soloensis".

Os paleontólogos relacionaram êstes crâneos com os do homem de Neanderthal, da Europa, e uma indicação, não tanto de primitivismo, mas de selvage-

ria e barbarie encontramos no fato dos crâneos estarem quebrados como os DYaks, atuais caçadores de cabeças de Bornéu, que quebram os crâneos dos seus inimigos para se banquetearem com o cérebro.

O próprio Dubois já em 1890 descobrira na ilha de Java outros dois crâneos com características simiescas bem pouco acentuadas (boa capacidade e arcadas superciliares pouco salientes) que permitiram a reconstituição do Homo wadjakensis, ao qual, pensam alguns, deveria pertencer o fêmur atribuído ao Pithecanthropus. Curioso é que Dubois só deu a conhecer êstes remanescentes há poucos anos e qualquer um pode compreender as razões: Não possuíam tôdas as características simiescas que procurava e gostaria que tivessem.

No museu natural, que é a ilha de Java, foi encontrado um pedaço de maxilar inferior, com um primeiro molar em situ, de proporções muito massivas e avantajadas. Os cientistas foram levados a pensar em antigos gigantes habitando, não apenas a ilha de Java (Meganthropus), mas a própria Ásia continental, pois um dente molar gigante encontrado numa drogaria de Hong-Kong é atribuído também a uma criatura gigante batizada de "Giganthropus".

Na Ásia continental, no norte da China (caverna de Chou-Kou-tien, perto de Pekim) foram encontrados restos fósseis pertencentes a mais de 40 indivíduos (8 crâneos com capacidade variando entre 915 e 1.500 cc., mandíbulas, clavícula, úmero, 100 dentes, etc.), que permitiram a reconstrução do Sinanthropus pekingensis, ou Homem de Pekim. Relacionado com o Pithecanthropus, tanto quanto possível a reconstrução de criaturas com características mais ou menos simiescas, ar mongolóide e nada perdendo para muitas tribos selvagens dos nossos dias, especialmente no que diz respeito a sua capacidade de produzir e usar fogo e fabricar instrumentos de osso e quartzo talhado.

O "homem de Pekim" foi sem dúvida um autêntico "Homo faber", embora muitos gostariam de provar que não foi êle o autor dos objetos encontrados no seu jazigo.

A indicação que temos é que no passado, raças de homens muito degenerados, como os pithecanthropus e sinanthropus e raças menos degeneradas como as representadas pelo "Homo soloensis" e "Homo wadjakensis" habitaram a Ásia continental e a ilha de Java, deixando aí seus restos e vestígios esparsos.

O *homem fóssil na África*. — Inicialmente pode ser descrito o "Homo rhodesiensis" fundado sôbre um crâneo e outros restos de um tipo humano "primitivo" descoberto em 1921 na caverna de Broken Hill, na Rodésia.

Os despojos eram recentes, pois nem estavam completamente fossilizados, e nem haviam perdido tôda a matéria orgânica e contudo permitiram a reconstrução de uma criatura considerada "primitiva" com 1,90m. de altura e características bastante simiescas. As arcadas superciliares eram muito proeminentes, o frontal bastante fugidio, a face era grande e para complicar, os dentes eram sensivelmente "humanos", enquanto o volume do cérebro deveria ser de apenas 1.280 cc.

Acentua-se ainda que embora a capacidade craneana fôsse menor que a do homem de Neanderthal, o buraco do occipital, que indica se a atitude pode ou não ser considerada ereta, era apenas li-

geiramente deslocado para trás. Sob esse aspecto o homem da Rodésia era menos simiesco que o homem de Neanderthal.

Remanescentes como esses dão o que pensar! Os cientistas julgam o homem da Rodésia aparentado com o homem de Neanderthal, da Europa, e com o "Homo soloensis" de Java. E merece destaque o fato de terem sido encontrados no seu jazigo objetos ainda hoje usados na África pelos bosquimanos, uma raça quase extinta de indivíduos de pequena estatura que habitam as adjacências do deserto de Caalari.

Na África oriental, às margens do lago Najarasa, foram descobertos alguns fragmentos fósseis sobre os quais foi fundado o "Homo najarasensis", o qual é considerado como intermediário entre o homem atual e o homem de Neanderthal.

Também na África oriental foram descobertos em 1925 restos de três crâneos sobre os quais foram reconstituídas criaturas algo semelhantes aos sinantropos da Ásia.

Ainda na África oriental, em Kanam, foi encontrada parte de um maxilar inferior pertencente a um homem admitido como de tipo "moderno". Sobre este fragmento foi constituído o "Homo kanamensis", reconhecidamente "moderno", mas em terreno considerado "antigo" sendo o critério evolucionista. Este fato obriga os cientistas a considerar o homem de Kanam, semelhante ao homem atual, contemporâneo, senão anterior aos pithecanthropus do Oriente! É significativa a conclusão: O homem "moderno", ou seja, o "Homo sapiens" convivendo, sendo contemporâneo ou mesmo anterior aos pretensos "homens primitivos" que teriam habitado o mundo na aurora da humanidade! São muitos os casos semelhantes a este em que se mani-

festa evidente discrepância entre a ordem morfológica e cronológica dos fósseis!

O homem fóssil na Europa. — Sem dúvida por causa duma intensa pesquisa, os terrenos europeus e adjacentes têm sido pródigos no fornecimento de peças paleontológicas relacionadas com o homem fóssil.

Na Inglaterra, em 1913, o paleontólogo amador, Charles Dawson, apresentou um crâneo sensivelmente "moderno" e um maxilar inferior sem queixo, e muito semelhante ao de um chimpanzé, encontrados, segundo êle, nas proximidades de Pilt-down, Sussex.

Sobre estas peças foi reconstituída uma estranha criatura, de características "modernas" e "simiescas" ao mesmo tempo e conhecida por "Homo Pilt-down", o homem mais antigo da Europa.

Muitos não se conformam, porém, com a discrepância tão evidente entre o crâneo e o maxilar. E em 1949, e especialmente em 1953 e 1954, alguns cientistas ingleses tiveram a coragem de desmascarar com auxílio de métodos e processos alheios até então à ciência paleontológica, uma das maiores fraudes da história da paleontologia. Consistiu a fraude em considerar como de um indivíduo, um crâneo humano recente e uma mandíbula de chimpanzé ou gorila, convenientemente tratados para encobrir a falsificação. E, ao que tudo indica, até cientistas de renome foram enganados pelas falsificações de um paleontólogo considerado amador!

Hoje, mais do que nunca, é necessário estar atento às conclusões dos monistas e evolucionistas ardorosos, pois os novos métodos usados para desmascarar a fraude, poderão, ser utilizados por pessoas experientes, propiciar fraudes futuras. E em vista do passado, quem garante que não será assim?

## Extremismos na Igreja

"O desejo e plano de Satanás é introduzir entre nós pessoas que vão a grandes extremos; pessoas de mente estreita, críticas e incisivas, e muito tenazes em sustentar seus próprios conceitos sobre o que é a verdade. Serão muito exigentes e buscarão impor deveres rigorosos, exagerando muitos assuntos de somenos importância, ao passo que descuidam matéria de mais peso da lei — o juízo, a misericórdia e o amor de Deus . . . Por causa desses obreiros considerar-se-á a obra da verdade indigna de atenção." — Ellen G. White, *Review and Herald*, 29 de maio de 1888.

"Alguns haviam estado a trazer falsas provas, e transformando em critério único suas próprias idéias e noções, exagerando assuntos de pouca importância até torná-los em provas de discipulado cristão, e impondo cargas pesadas aos demais . . . Alguns faziam do vestuário assunto da máxima importância, criticando peças de roupas usadas por outros, e sempre prontos a condenar qualquer pessoa que não lhes seguisse exatamente as idéias . . . Estes homens unilaterais nada mais vêem além dessa coisa única que se lhes encaquetou na mente." — ELLEN G. WHITE, *Historical Sketches*, pág. 212.

## Dois Extremos no Tocante à Decisão

"Existem dois extremos que precisam ser evitados; um consiste na abstenção de declarar todo o conselho de Deus, e incorrer no espírito dos reavivalistas desta época em que se brada: 'Paz, paz, quando não há paz,' entretecendo em seus trabalhos um elemento que promove os sentimentos e deixa inalterado o coração. . . .

O segundo extremo consiste em sempre açoitar as pessoas e falar-lhes de maneira rude e anticristã, de modo tal que pensem que estão irritados." — ELLEN G. WHITE, *Carta* 43, 1886.



# Quando Iniciou Cristo Seu Ministério Sacerdotal?

ROBERTO LEO ODOM

Redator do "Index to the Writings of Ellen G. White"

**Q**UANDO iniciou Cristo Seu ministério sacerdotal? Assumiu-o antes de Sua ascensão aos Céus?

A respeito de Cristo está escrito que "Ele não tomou os anjos, mas tomou a descendência de Abraão. Pelo que convinha que em tudo fôsse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote naquilo que é de Deus, para expiar os pecados do povo. Porque naquilo que Ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados" (Heb. 2:16-18). Afigura-se, à luz desta declaração, que era essencial que Cristo Se encarnasse como o Filho do homem a fim de tornar-Se nosso sacerdote no sentido restrito da palavra.

Jesus é um intercessor compassivo, sumo sacerdote misericordioso e fiel. Ele, a Majestade do Céu — o Rei da glória — pode atentar para o homem finito, sujeito às tentações de Satanás, sabendo que Ele próprio sentiu o poder dos ardis de Satanás. "Pelo que convinha que em tudo fôsse semelhante aos irmãos (vestindo Sua divindade com a humanidade), para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote naquilo que é de Deus, para expiar os pecados do povo. Porque naquilo mesmo que Ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados." (Heb. 2:17 e 18.) — *Fundamentals of Christian Education*, pág. 275.

De fato, lemos a respeito de Sua dedicação, no templo, por José e Maria, algumas semanas depois de nascido: "Era Ele o verdadeiro 'sumo Sacerdote sôbre a casa de Deus', a cabeça de 'um sacerdócio perpétuo,' o intercessor 'à destra da Majestade nas alturas.' (Heb. 10:21; 7:24; 1:3)." — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 37.

Cristo era o antítipo tanto dos sacerdotes comuns como dos sumos sacerdotes do sacerdócio aarônico (Heb. 8:1-5). No ministério do antigo santuário de Israel, "eram dia a dia ensinadas ao povo, por meio de símbolos e sombras, as grandes verdades relativas ao advento de Cristo como Redentor, Sacerdote e Rei." — *Profetas e Reis*, pág. 684.

As funções do sacerdote incluía muitos deveres além daqueles que ele executava no interior do santuário propriamente dito. Quer dizer que ele ministrava também *fora* do tabernáculo. O deixar de ter isto em mente tem levado alguns ministros a adotarem uma opinião demasiado limitada do ministério sacerdotal de Cristo.

Por exemplo, o sacerdote exercia a função de ensinador do povo, instruindo-o sôbre as coisas de Deus. "Porque os lábios do sacerdote guardarão a ciência, e da sua boca buscarão a lei, porque ele

é o anjo [mensageiro] do Senhor dos exércitos." (Mal. 2:7.) Lemos, pois, do ministério de "sacerdotes-professores", ou "sacerdotes que ensinam" nos tempos do Velho Testamento. (*Idem*, págs. 191, 337, 392 e 613.)

Cristo era preeminentemente um *ensinador* do povo, instruindo-o nas coisas de Deus durante Seu ministério público na Terra. "Aquêle que procura transformar a humanidade deve compreender êle próprio a humanidade. Unicamente pela simpatia, fé e amor podem os homens ser atingidos e enobrecidos. Neste ponto Cristo Se revela o Mestre por excelência; de todos os que viveram sôbre a Terra, sômente Ele tem perfeita compreensão da alma humana. 'Não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-Se de nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado.' Heb. 4:15." — *Educação*, pág. 78.

É-nos dito a respeito da oração que Cristo proferiu logo antes de entrar no jardim do Getsêmani na tarde anterior à Sua morte, como está registrada em S. João 17, o seguinte: "Assim, na linguagem de quem possui autoridade divina, Cristo entrega Sua igreja eleita nos braços do Pai. Como consagrado sumo sacerdote, intercede por Seu povo." — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 509.

De acôrdo com esta declaração, Cristo era "consagrado sumo sacerdote" intercedendo naquele tempo em favor de Seu povo.

A respeito da experiência de Cristo diante de Pilatos, na sala de julgamento, lemos: "As gotas de sangue de agonia que Lhe corriam das fontes feridas, pelo rosto e pela barba, eram o penhor de Sua unção como 'óleo de alegria' (Heb. 1:9) como nosso grande sumo Sacerdote." — *Idem*, pág. 548.

E ainda, com referência aos Seus sofrimentos na cruz, nos é dito: "Em Sua humilhação, dirigira-Se, como profeta, às filhas de Jerusalém; como sacerdote e advogado, intercedera com o Pai pelo perdão de Seus assassinos; como amorável Salvador perdoara os pecados do arrependido ladrão." — *Idem*, pág. 560.

Tinha o sacerdote certos deveres a executar no *pátio do santuário*, particularmente junto do altar de ofertas queimadas (holocaustos), onde diariamente apresentava os sacrifícios da manhã e da tarde em favor da nação, as ofertas pelos pecados do povo, e outras. Este trabalho era feito pelo sacerdote *fora* do prédio do tabernáculo.

Do mesmo modo, Cristo efetuou uma parte de Seu ministério sacerdotal *do lado de fora* do san-

tuário celestial. "Porque todo o sumo sacerdote é constituído para oferecer dons e sacrifícios; pelo que era necessário que este também tivesse alguma coisa que oferecer." Heb. 8:3. Contudo, "que não necessitasse, como os sumos sacerdotes, de oferecer cada dia sacrifícios primeiramente por seus próprios pecados, e depois pelos do povo; porque isto fez Ele UMA VEZ, oferecendo-Se a Si mesmo." Heb. 7:27. Em Sua capacidade como sacerdote, Cristo Se ofereceu como vítima sacrificial em favor dos pecados dos homens. Ele "ofereceu-Se a Si mesmo imaculado a Deus (Heb. 9:14), e dessa forma "aniquilou o pecado pelo sacrifício de Si mesmo" (Heb. 9:26). E "Este, havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, está assentado para sempre à destra de Deus. . . porque com uma só oblação aperfeiçoou para sempre os que são santificados" (Heb. 10:12 e 14).

Onde Cristo, como sacerdote, Se ofereceu a Si mesmo como o único grande sacrifício pelos pecados dos homens? Quando efetuou Ele este ministério sacerdotal em favor do homem? Fê-lo na Terra, aqui, durante o exercício de Sua missão, antes da ascensão ao Céu para iniciar Seu ministério sacerdotal no interior do santuário lá.

"Como o sumo sacerdote punha de parte suas suntuosas vestes pontificais, e oficiava no vestuário de linho branco, do sacerdote comum, assim Cristo tomou a forma de servo, e ofereceu sacrifício, sendo Ele mesmo o sacerdote e a vítima." — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 17.

"Como no serviço típico o sumo sacerdote despi suas vestes pontificais e oficiava vestido de linho branco dos sacerdotes comuns, assim Cristo abandonou Suas vestes reais e Se vestiu da huma-

nidade, oferecendo-Se em sacrifício, sendo Ele mesmo o sacerdote, Ele mesmo a vítima." — *Atos dos Apóstolos*, pág. 33.

Afigura-se claro, portanto, que o ministério sacerdotal de Cristo consistiu de duas fases — uma antes e outra depois de Sua ascensão ao Céu. "Ele cumprira uma fase de Sua sacerdotado pelo morrer na cruz em favor da raça caída. Ele está agora cumprindo a outra fase pelo advogar diante do Pai a causa do pecador arrependido e crente, apresentando a Deus as ofertas de Seu povo." — Ellen G. White, Manuscrito 42, 1901. (Ver *Questions on Doctrine*, pág. 686.)

"A infinita suficiência de Cristo é demonstrada por ser portador dos pecados de todo o mundo. Ele ocupa a dupla posição de ofertante e oferta, de sacerdote e vítima." — Ellen G. White, Carta 192, 1906. (Ver *Questions on Doctrine*, pág. 667.)

Embora a primeira fase do ministério sacerdotal de Cristo fôsse efetuada durante Sua missão na Terra, como se infere das provas acima apresentadas, afigura-se que Ele iniciou a ministração sacerdotal ao iniciar Seu ministério público imediatamente depois de Seu batismo por João Batista, no outono do ano 27 A. D., pois fôra ungido com o Espírito Santo e poder para realizar Seu ministério público entre os homens. (Ver Atos 10:38.) Conquanto seja certo que Ele era o intercessor e mediador do homem e designado sacerdote (Sal. 110:4; Zac. 6:13; Heb. 5:6; 6:20; 7:15-17 e 21) séculos antes de Seu nascimento em Belém, não encontramos nenhuma prova específica que mostre definitivamente que Ele fôsse sacerdote de Seu povo, no sentido restrito da palavra, durante aquêles tempos.

## Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

### A Encarnação e o "Filho do Homem" - V

(Continuação)

SÔBRE este fato há abundância de testemunho escritural.

Os escritos de Ellen G. White acham-se inteiramente em harmonia com os textos bíblicos a respeito do assunto.

O Filho de Deus suportou a ira de Deus contra o pecado. Todos os pecados acumulados do mundo foram lançados sobre o Portador do pecado, Aquêle que era inocente, Aquêle que unicamente podia ser a propiciação pelo pecado, porque Ele próprio fôra obediente. Ele era um com Deus. Sobre Ele não havia sequer uma man-

cha de corrupção." — *Signs of the Times*, 9 de dezembro de 1897. (Grifos acrescentados.)

Como um conosco, cumpria-Lhe suportar o fardo de nossa culpa e aflição. O Inocente devia sentir a vergonha do pecado. O amigo da paz tinha que habitar entre a luta, a verdade com a mentira, a pureza com a vileza. Todo pecado, toda discórdia, toda contaminadora concupiscência trazida pela transgressão, Lhe era uma tortura para o espírito. . . Sobre Aquêle que abria mão de Sua glória, e aceitara a fraqueza da humanidade, devia repousar a redenção do mundo." — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 77. (Grifos supridos.)



O peso dos pecados do mundo esmagava-Lhe a alma, e Seu semblante expressou angústia indescrevível, uma aflição tão profunda que o homem caído jamais concebera. Sentira a torrente arrasadora da desgraça que inundara o mundo. Compreendera a força do apetite acariado e paixões não santificadas que dominavam o mundo."— *The Review and Herald*, 4 de agosto de 1874.

Justiça completa se fizera na expiação. Em lugar do pecador, o imaculado Filho de Deus recebeu a penalidade, e o pecador está livre ao receber a Cristo e apegar-se a Ele como seu Salvador pessoal. Embora culpado, é considerado inocente. Cristo cumpriu todas as reivindicações exigidas pela justiça."— *The Youth's Instructor*, de 25 de abril de 1901. (Grifos supridos.)

Sem culpa, suportou Ele a punição da culpa. Inocente, contudo Se ofereceu como substituto do transgressor. A culpa de cada pecado veio como impacto sobre a divina alma do Redentor do mundo."— *Signs of the Times*, 5 de dezembro de 1892. (Itálicos supridos.)

Tudo isso suportou Ele vicariamente. Tomou sobre Sua alma inocente e levou na cruz cruel.

Há outro aspecto desta questão que necessita ser realçado, e é o fato de Jesus não apenas ser portador das "iniquidades de todos nós"; Ele tomou e levou alguma coisa mais, alguma coisa, contudo, intimamente relacionada com nossos pecados.

"Verdadeiramente Ele tomou sobre Si as nossas enfermidades" (Isa. 53:4). "Homens de dores, e experimentado nos trabalhos" (versículo 3).

Assim S. Mateus se refere a esta passagem: "Ele tomou as nossas enfermidades, e levou as nossas doenças." (S. Mat. 8:17.)

A versão de Weymouth assim reza: "Ele tomou sobre Si nossas fraquezas, e levou o fardo de nossas doenças."

Uma outra tradução inglesa, a *Twentieth Century* diz: "Ele tomou nossas enfermidades sobre Si, e levou a carga das nossas doenças."

Enquanto Ele levava (grego *phero*, versão dos LXXX) nossas iniquidades, também levava (grego *anaphero*) nossas debilidades.

Observemos, contudo, mais adiante, o que está implicado nisto. Notemos as palavras empregadas para expressar o pensamento, tanto em Isaías 53 como em S. Mateus 8. Ele levou nossas dores, nossos sofrimentos, nossas enfermidades ou moléstias. As palavras originais também se traduzem por moléstias, fraquezas, debilidade.

Sobre isto notemos o seguinte nos escritos de Ellen G. White:

Ele esteve sujeito às enfermidades e fraquezas que cercam o homem "para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta Isaías, dizendo, Ele tomou nossas enfermidades, e levou nossas moléstias." Ele foi tocado pelo sentimento de nossas enfermidades, e em todos os pontos foi tentado como o somos. E contudo Ele "não conheceu pecado." Era o Cordeiro "sem culpa e sem mancha" ... Não devemos ter dúvidas quanto à perfeita impecaminosidade da natureza humana de Cristo."— *Signs of the Times*, 9 de junho de 1898. (Itálicos supridos.)

Ele era imune à corrupção, estranho ao pecado; contudo orou, e não raro com forte brado e lágrimas. Orou pelos discípulos e por Si mesmo, e dessa forma identificou-Se com nossas necessidades, nossas fraquezas e imperfeições, tão comuns na humanidade. Foi poderoso suplicante, não possuindo as paixões de nossa natureza humana e caída, sujeito às mesmas enfermidades, tentado em tudo como o somos, Jesus suportou agonia que requeria ajuda e amparo de Seu Pai.— *Test. for the Church*, Vol. 2, pág. 508. (Grifos supridos.)

Ele é um irmão em nossas enfermidades, mas não em possuir as mesmas paixões. Como Aquêle que é sem pecado, Sua natureza repugna o mal. Suportou lutas e tor-

tura de alma num mundo de pecado. Para a Sua humanidade a oração tornou-se necessidade e privilégio. Solicitou todo forte amparo e conforto que Seu Pai estava pronto a comunicar-Lhe, a Ele que, para o benefício do homem, havia deixado os júbilos do Céu e escolhido Seu lar num mundo ingrato e frio.— *Idem*, pág. 202. (Grifos acrescentados.)

Tanto do registo de Isaías como do de S. Mateus, dificilmente se pode interpretar que Jesus estivesse doente ou que experimentasse as fragilidades de que a raça caída é herdeira. Mas Ele levou tudo isto. Não se daria que Ele levasse isto também vicariamente, da mesma forma como levou os pecados de todo o mundo?

Estas fraquezas, fragilidades, enfermidades, deficiências são coisas que nós, devido nossa natureza pecaminosa e caída, temos de levar. A nós elas são naturais e inerentes, porém quando Ele as levou, não as tomou como alguma coisa que Lhe era inata, mas levou-as como nosso substituto. Observamos de novo que Cristo levou tudo isto vicariamente, da mesma forma como vicariamente levou as iniquidades de todos nós.

É neste sentido que todos devemos entender os escritos de Ellen G. White ao referir-se, de quando em quando, à natureza humana pecaminosa, caída e arruinada. Lemos que Jesus tomou "nossa natureza" (*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 17); Ele "tomou sobre Si a natureza humana" (*The SDA Bible Commentary*, Vol. 5, pág. 1128); Ele "tomou a natureza do homem" (*Medical Ministry*, pág. 181); Ele tomou "nossa natureza caída" (*Special Instruction Relating to the Review and Herald Office*, pág. 13, de 26 de maio de 1896); Ele tomou "a natureza do homem em sua condição caída" (*Signs of the Times*, 9 de junho de 1898).

Todas estas declarações são convincentes e taxativas, mas certamente nenhuma tem em mira dar sentido àquelas que circulam em contrário ao que a mesma escritora apresentou em outros lugares de suas obras. Notemos o contexto em que são empregadas estas expressões.

Ele tomou "a natureza do homem mas não a sua pecaminosidade."— *Signs of the Times*, 29 de maio de 1901.

Ele tomou "a natureza do homem em sua condição caída, mas Cristo, de maneira nenhuma participou de seus pecados."— *The SDA Bible Commentary*, Vol. 5, pág. 1131.

"Ele é um irmão em nossas enfermidades, mas não em possuir as mesmas paixões."— *Test. for the Church*, Vol. 2, pág. 202.

Em "identificar-Se com nossas necessidades, fraquezas e imperfeições... Ele foi poderoso suplicante, não possuindo as paixões de nossa natureza humana e caída."— *Test. for the Church*, Vol. 2, págs. 508 e 509. (Grifos supridos.)

"Não devemos ter dúvidas quanto à perfeita impecaminosidade da natureza humana de Cristo."— *The SDA Bible Commentary*, Vol. 5, pág. 1131. (Itálicos supridos.)

O Filho de Deus "tornou-Se como um de nós, excepto no pecado."— *The Youth Instructor*, 20 de outubro de 1886. (Grifos acrescentados.)

"Não havia nEle a menor mancha de corrupção."— *Signs of the Times*, 9 de dezembro de 1897. (Grifos acrescentados.)

# NOTÍCIAS - Da Imprensa



◆ A RÁDIO do Vaticano anunciou que pretende intensificar consideravelmente suas transmissões em línguas escandinavas. Diz-se que o motivo é o “crescente interesse pela Igreja Católica nos países escandinavos e o crescente número de católicos lá.”

◆ FUNCIONÁRIOS do govêrno em Amã, Jordânia, anunciaram recentemente que provaram a falsidade da afirmação de que as ruínas do templo do Rei Salomão localizavam-se por baixo da Mesquita de Omar, construída no sétimo século A. D. para proteger a famosa Rocha Sagrada, do islamismo, na velha cidade baixa de Jerusalém. Disseram os jordanianos que as escavações feitas sob a mesquita indicaram apenas a presença de rocha natural e não quaisquer ruínas do antigo templo.

◆ O DR. E. STANLEY JONES, missionário, evangelista e escritor largamente conhecido, declarou em Fort Worth, Têxas, que o próximo grande despertar espiritual virá por meio dos cristãos leigos, “a grande e reservada fonte de poder na igreja de hoje.” Falando à Associação Geral de Ministros de Greater Forth Worth, o veterano clérigo metodista observou que “esta é a maior hora para o evangelismo, que jamais vi.” “Preferiria estar vivendo nos próximos 25 anos a durante qualquer período da história do mundo”, disse êle. Observamos que o despertar espiritual “geralmente se segue às fomes, guerras e outras fôrças disruptivas”. Disse mais: “Estamos presentemente no limiar de um grande reavivamento espiritual no meio da prosperidade, a qual se explica pelo fato de descobirmos que as coisas do mundo não satisfazem.”

◆ “As extravagâncias da Bíblia de Hollywood são realmente antibíblicas”, acusou a revista *Cristian Century*. No artigo de fundo da edição de 23 de outubro de 1959, o semanário protestante indenominacional afirma que as igrejas protestantes dos Estados Unidos estão sendo utilizadas para promoverem êsses novos filmes como “O Grande Pescador”, “Salomão e a Rainha de Sabá”, “e Ben Hur”. “Não podemos corrigir tudo acêrca de Hollywood”, acrescenta o editorial, “mas os protestantes, pelo menos, podem começar a impugnar a consumação de tão horríveis distorções da Bíblia. Os protestantes não necessitam secundar êstes esforços vulgares para usar a Bíblia contra si mesma”. Declara a revista que alguns dos materiais desta espécie de cinema em seu poder “podiam ter sido extraídos das revistas pornográficas de 50 centavos”. Criticando o altíssimo custo dos filmes, a *Century* acrescenta: “Muito dêsse dinheiro provém de gente das igrejas, cujos líderes religiosos as aconselharam a assistir”.

◆ A FÔRÇA Aérea dos Estados Unidos encomendou 240 jogos de filmes religiosos para uso dos capelães do Departamento de Educação Cristã das Igrejas Evangélica e Reformada. O Dr. Franklin I. Sheeder, secretário executivo do departamento, disse crer que as coleções — cada uma série de 14 filmes sôbre assuntos bíblicos — serão empregadas pelos capelães em tôdas as bases da Fôrça Aérea dos Estados Unidos. Discursando no Concílio Geral denominacional em sua sessão semestral de negócios em Filadélfia, o Dr. Sheeder disse que o jôgo de filmes já foi duplicado para uso amplo através das escolas estaduais da Grã Bretanha, as quais têm compulsoriamente cursos de estudos da Bíblia.

## Ensinar à Criança Respeito Pela Propriedade Alheia

“Alguns pais permitem que seus filhos se tornem agentes destruidores, usando como brinquedo coisas que não têm o direito de tocar. As crianças devem ser ensinadas que não podem mexer nas coisas de outras pessoas. Para o conforto e felicidade da família, precisam aprender a observar o direito de propriedade. As crianças não são mais felizes quando se lhes permitem mexer em tudo que vêem. Se não forem ensinadas a ser respeitadoras, crescerão com traços de caráter desagradáveis e destrutivos.” — ELLEN G. WHITE, *Signs of the Times*, de 25 de setembro de 1901.